



UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais realizada
na Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel e Escola Básica 2,3/S Cunha Rivara

A PRÁTICA DO 'MAKING OF' NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA:

Meios audiovisuais como forma de registo, assimilação e transmissão de conhecimento

Ricardo Custódio Braga da Silva

Orientadores:

Professor Doutor Leonardo Charréu
Professora Doutora Manuela Cristóvão

Évora 2013

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário realizada na Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel e Escola Básica 2,3/S Cunha Rivara

Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário

Autor

Ricardo Custódio Braga da Silva

Orientadores

Professor Doutor Leonardo Charréu
Professora Doutora Manuela Cristóvão

Professor Supervisor da Universidade

Professor Tomás Cunha Ferreira

Professores Cooperantes das Escolas

Dr. Domingos Isabelinho
Dr. Luís Silva

|

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais
realizada na Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel e Escola Básica 2,3/S Cunha Rivara**

**A prática do 'Making of' na Educação Artística: Meios audiovisuais como forma de registo,
assimilação e transmissão de conhecimento.**

Resumo

Elaborado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário, o presente relatório é organizado em duas partes. Na primeira parte é concretizada a investigação e desenvolvimento do tema “A prática do ‘Making of’ na Educação Artística: Meios audiovisuais como forma de registo, assimilação e transmissão de conhecimento” propondo uma inovadora metodologia, especialmente direcionada ao ensino artístico. A segunda parte pretende dar a conhecer os aspetos inerentes à prática desenvolvida no ano letivo de 2012/2013 nas Escolas Secundária/3 Rainha Santa Isabel em Estremoz e Escola Básica 2,3/S Cunha Rivara em Arraiolos. Foram concebidas e aplicadas duas unidades didáticas designadas “*Estremoz (re)perspetivar*” e “*Arraiolos (in)formar*”, nas disciplinas de Desenho A e Educação Visual. De forma a proporcionar uma experiência mais rica a nível do relato dos acontecimentos vivenciados, todas as atividades desenvolvidas ao longo deste percurso foram alvo de um cuidado registo fotográfico, que pretende contribuir para a singularidade deste trabalho e, em simultâneo, favorecer a sua dimensão reflexiva.

Palavras-Chave: Educação Artística Visual; Comunicação; Meios Audiovisuais; Making of; Formação de Professores.

**Report of the Supervised Teaching Practice in Teaching of the Visual Arts
performed at Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel and Escola Básica 2,3/S Cunha Rivara**

The practice of 'Making of' in Arts Education: The audiovisual media as way to recording, assimilate and improve knowledge.

Abstract

Developed in the context of Supervised Teaching Practice of the Master's Degree in Teaching of the Visual Arts at the 3rd Cycle of Basic and Secondary Education, this report is organized in two parts. The first one highlights the investigation and development of the theme "*The practice of 'Making of' in Arts Education: The audiovisual media as way to recording, assimilate and improve knowledge*" by proposing an innovative methodology, especially targeted to arts education. The second part aims to present aspects inherent to the practice developed in the academic year 2012/2013 at Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel in Estremoz and Escola Básica 2,3/S Cunha Rivara in Arraiolos. Were designed and implemented two didactic units called "*Estremoz (re)perspetivar*" and "*Arraiolos (in)formar*", in the disciplines of Drawing A and Visual Education. In order to provide a richer experience at level of the report on the events lived, all activities along this path were targeted by a careful photographic record, which would contribute to the uniqueness of this work and, simultaneously, promoting their reflective dimension.

Keywords: Visual Art Education; Communication; Audiovisual Media; Making of; Pre-service Teaching Practice.

Agradecimentos

Aos meus pais, aos meus avós, à minha namorada e aos meus amigos, por tudo. Neste tipo de percursos formativos, o mais marcante são as pessoas que conhecemos. Aos alunos do 10º F e 9º B (2012/2013), porque foram exemplares, recordarei todos com enorme amizade. Aos Professores Domingos Isabelinho, Ana Mateus e Luís Silva, pelo apoio e confiança. Ao Professor Doutor Leonardo Charréu, pela extrema compreensão.

Algumas notas prévias

- 1) Sempre que possível, as citações diretas de fontes bibliográficas estrangeiras foram traduzidas livremente para a Língua Portuguesa, salvaguardando devidamente os casos em que a tradução pudesse alterar o sentido da frase original;
- 2) Palavras ou expressões que merecem destaque são assinaladas em *itálico*;
- 3) O texto foi escrito integralmente de acordo com as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde 2009;
- 4) Todas as referências a meios audiovisuais (filmes, áudio, podcasts, etc.) são efetuadas de acordo as normas APA, 6ª Edição.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
-----------------	---

PARTE I

Investigação e desenvolvimento temático

1 - A prática do ‘Making of’ na Educação Artística: Meios audiovisuais como forma de registo, assimilação e transmissão de conhecimento	3
1.1 Como surgiu o tema?.....	3
1.2 Os meios audiovisuais	6
1.3 O que é o ‘Making of’?.....	8
1.4 Metodologias e estratégias de trabalho baseadas no ‘making of’	13
1.5 Reflexão e transposição do tema para a PES	18

PARTE II

Prática de ensino supervisionada

2 - Prática de ensino supervisionada na Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel em Estremoz.....	22
2.1 Estremoz, uma nova cidade, uma nova experiência	23
2.2 A Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel	26
2.3 Caracterização dos alunos da turma 10º F	30
2.4 Análise do programa da disciplina de Desenho A	32
2.5 Unidade Didática: Estremoz (re)perspetivar	34
2.6 Participação na Escola	52
3 - Prática de ensino supervisionada na Escola Básica e Secundária Cunha Rivara em Arraiolos.....	54
3.1 Arraiolos, uma vila onde a tradição é o futuro.....	55
3.2 A Escola Básica e Secundária Cunha Rivara	58
3.3 Caracterização dos alunos da turma 9º B.....	62
3.4 Análise do programa da disciplina de Educação Visual.....	64
3.5 Unidade Didática: Arraiolos (in)formar	65
3.6 Participação na Escola	74
DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
FONTES E REFERÊNCIAS CONSULTADAS	78

Listagem de anexos e apêndices

Anexos (em DVD)

Anexo 1 - Regulamento Interno da ESRSI

Anexo 2 - Projeto Educativo da ESRSI

Anexo 3 - Projeto Curricular ESRSI

Anexo 4 - Contrato de Autonomia da ESRSI

Anexo 5 - Plano Anual de Atividades da ESRSI

Anexo 6 - Programa da disciplina de Desenho A

Anexo 7 - Planificação a longo prazo da ESRSI

Anexo 8 - Critérios de Avaliação de Desenho A

Anexo 9 - Regulamento Interno da EBSCR

Anexo 10 - Projeto Educativo da EBSCR

Anexo 11 - Projeto Curricular da EBSCR

Anexo 12 - Currículo Nacional e Metas Curriculares do Ensino Básico

Anexo 13 - Critérios de Avaliação de Educação Visual

Apêndices (em DVD)

Apêndice A - Planificações de Desenho A

Apêndice B - Apresentações na disciplina de Desenho A

Apêndice C - Trabalhos realizados pelos alunos em Desenho A

Apêndice D - Grelhas de Avaliação do 10º F

Apêndice E - Autorização de uso de imagem

Apêndice F - Workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual

Apêndice G - Questionário aos alunos do 10º F

Apêndice H - Planificações de Educação Visual

Apêndice I - Apresentações na disciplina de Educação Visual

Apêndice K - Ficha informativa com regras sobre o design gráfico e paginação

Apêndice J - Revista Arraiolos (in)formar

Apêndice L - Questionário aos alunos do 9º B

Índice de figuras

Figuras 1,2: Vídeo-esculturas do artista Nam June Paik: “Electronic Superhighway” (1995), “TV is Kitsch” (1996)	4
Figuras 3,4: Cartaz e fotograma do filme “The Man with the Movie Camera” (1929) de Dziga Vertov	5
Figuras 5,6: Fotografia que regista a produção do 1º vídeo introdutório dos filmes da MGM e resultado obtido	8
Figuras 7,8: Realizador Francis Ford Coppola a descansar no cenário das filmagens e capa do documentário “Hearts of Darkness: A filmmaker’s Apocalypse” (1991)	9
Figuras 9 a 12: Imagens de making of, que elucidam sobre a forma de produção de alguns filmes	11
Figuras 13,14: O pintor Gerhard Richter durante o seu processo de criação.....	15
Figuras 15,16: Trabalho do artista plástico Vik Muniz, em “Lixo Extraordinário” (2010).....	17
Figura 17: Página de apresentação do website Ensinar Cinema.....	20
Figuras 18 a 21: Diversos locais da cidade de Estremoz	23
Figuras 22 a 25: Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel.....	26
Figuras 26,27,28: Diversos espaços da ESRSI	28
Figuras 29,30: Sala de Desenho e respetivo espaço anexo	29
Figuras 31,32,33: Sala Multiusos	29
Figuras 34,35: Gráficos de caracterização dos alunos da turma 10º F	30
Figuras 36,37,38: Exercício de desenho de observação, realizado durante o passeio ao Castelo de Estremoz	35
Figuras 39 a 42: Exercício de desenho (interpretação, ampliação e representação) elaborado pelos alunos.....	37
Figura 43: Desenho em grafite “Vou sem mim” (2012) de Ricardo Braga Silva	39
Figuras 44,45: Exemplos de composições visuais mostradas aos alunos: “Just what is it that makes today's homes so different, so appealing?” (1956) de Richard Hamilton e “Composition Control” (2011) de Ricardo Braga Silva e Filipe Araújo	41

Figuras 46 a 49: Alunos durante o exercício de criação de uma nova composição visual.....	42
Figuras 50 a 53: Exemplos de composições visuais desenvolvidas pelos alunos.....	43
Figura 54: Cartaz do workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual	46
Figuras 55,56: Aprendizagens iniciais de manuseamento de equipamentos audiovisuais.....	47
Figuras 57 a 60: Grupos a desenvolver o trabalho e técnicas utilizadas.....	48
Figuras 61 a 68: Trabalhos plásticos realizados pelos alunos durante o workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual	49
Figuras 69,70,71: Fotogramas dos filmes de artistas exibidos e software gratuito de gravação de som	50
Figuras 72,73,74: Divulgação do documentário à comunidade, entrega de diplomas aos alunos e capa do filme exibido.....	53
Figuras 75 a 79: Diversos locais da vila de Arraiolos.....	55
Figuras 80 a 84: Diversos espaços da Escola Básica e Secundária Cunha Rivara	58
Figuras 85,86,87: Sala EDV01.....	61
Figuras 89,89: Sala TIC02	61
Figuras 90,91: Gráficos de caracterização dos alunos da turma 9ºB.....	62
Figuras 92 a 96: Capa do primeiro jornal Português “A Gazeta de Lisboa” (1964); Capa atual da revista “Empire” (Dezembro, 2012); Fotograma de filme dos Irmãos Lumière “L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat” (1896); Fotografia de Hiram Bingham (1911) com primeira vista da cidade de Machu Picchu e uma fotografia atual do mesmo local.....	67
Figuras 97,98: Alunos durante a elaboração da revista Arraiolos (in)formar	69
Figura 99: Capa frontal da publicação Arraiolos (in)formar.....	70
Figura 100: Exemplo de página elaborada pelos alunos sobre o Alentejo	71
Figura 101: Exemplo de página elaborada pelos alunos sobre a Fonte da Pedra.....	72
Figuras 102,103: Publicação, divulgação e perceção do alcance da revista Arraiolos (in)formar	74

Lista de abreviaturas

PES - Prática de Ensino Supervisionada

MEAVBS - Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do Ensino Básico e no Secundário

ESRSI - Escola Secundária Rainha Santa Isabel

EBSCR - Escola Básica e Secundária Cunha Rivara

UD - Unidade Didática

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

NEE - Necessidades Educativas Especiais

EE - Encarregados de Educação

UE - Universidade de Évora

“Uma obra de arte e por meio dela, um professor ou crítico esclarecido, pode revelar o carácter de sentimentos sinceros, e proporcionar a possibilidade de experiência emocional mais requintadamente (...). Deste modo, raciocinar sobre as artes pode proporcionar uma possibilidade de sentimentos mais ricos, não só sobre as artes, mas sobre a vida.”

DAVID BEST

in A racionalidade do sentimento

INTRODUÇÃO

A Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário (MEAVBS) é uma componente de inegável importância e justifica a sua inclusão na fase final dos currículos de formação de professores por representar um momento essencial do futuro docente, que lhe permite uma especialização profissional através da aplicação prática dos conhecimentos adquiridos.

A estrutura do relatório foi repartida em duas partes: a primeira parte dedicada à investigação e desenvolvimento do tema “A prática do ‘Making of’ na Educação Artística: Meios audiovisuais como forma de registo, assimilação e transmissão de conhecimento”. Através da voz de diversos autores e artistas, é projetada uma inovadora metodologia, especialmente útil no campo das Artes Visuais, que visa facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Tendo o aluno como principal foco de interesse, o grande desafio passa por colocar os audiovisuais ao seu dispor, como instrumento de intervenção, pesquisa, comunicação, educação e fruição. Foi igualmente importante criar a ponte que liga esta vertente teórica à prática letiva que se veio a desenvolver posteriormente.

A segunda parte do relatório está então inteiramente relacionada com a Prática de Ensino Supervisionada e todos os aspetos inerentes à mesma. Por terem sido duas experiências distintas, na Escola Secundária /3 da Rainha Santa Isabel em Estremoz e na Escola Básica e Secundária Cunha Rivara em Arraiolos, também a organização do próprio relatório procurou transparecer esse facto. Para cada uma das experiências foram descritos os contextos, as turmas (10º F e 9º B) e as disciplinas (Desenho A e Educação Visual) onde se desenvolveu a prática letiva. As unidades didáticas “*Estremoz (re)perspetivar*” e “*Arraiolos (in)formar*”, foram planeadas a pensar em cada uma das situações. Para cada uma delas, é descrita a sua planificação, prossecução e avaliação do impacto sobre os alunos, dando, neste último ponto, muitas vezes mais atenção ao processo do que ao resultado final (García-Roldán, 2012, p. 51).

A dimensão reflexiva, presente ao longo de todos os momentos (especialmente promovida neste relatório através de um vasto registo fotográfico) ajudou a desenvolver estratégias e metodologias que pudessem ser mais eficazes, que correspondessem às diferentes necessidades dos alunos e que, conseqüentemente, conduzissem a aprendizagens significativas.

PARTE 1

Investigação e desenvolvimento temático

1 - A PRÁTICA DO 'MAKING OF' NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: MEIOS AUDIOVISUAIS COMO FORMA DE REGISTO, ASSIMILAÇÃO E TRANSMISSÃO DE CONHECIMENTO

1.1 Como surgiu o tema?

“O futuro é agora.”

-
NAM JUNE PAIK

O tema que seleccionei para abordar e desenvolver no decorrer de toda a PES foi justamente algo que desde sempre me fascinou: *os meios audiovisuais*. Escolhi-o agora por motivos profissionais e coerentes mas já o havia escolhido emocionalmente há muito tempo atrás quando iniciei a minha formação superior, com a Licenciatura em Som e Imagem na Escola Superior de Artes e Design (Instituto Politécnico de Leiria). Foram, resumidamente, três anos de uma formação intensa e maioritariamente de cariz prática em que os meios audiovisuais estiveram constantemente presentes, enquanto utensílio privilegiado de criação artística. Entre as inúmeras disciplinas que compunham o plano curricular do curso, destaco algumas das que considero fundamentais e estruturantes: Realização, Câmara e Direção de Fotografia, Montagem, Fotografia, Pós-Produção de Vídeo e Áudio, Animação, Desenho, Guião, Escrita e Narrativa, Semiótica e História do Audiovisual. Tive ainda a oportunidade de fazer um estágio curricular num canal televisivo e realizar a minha primeira curta-metragem, o que a nível pessoal me marcou decisivamente em relação à minha forma de arte preferida, dentro do vasto campo que são presentemente as Artes Visuais. Foi, pois, com naturalidade, que a adoção de uma temática fortemente ligada aos meios audiovisuais marcou todo o meu percurso durante o MEAVBS e, de igual forma, as práticas pedagógicas concretizadas no decorrer da PES.

Nem sempre é fácil fundamentarmos os nossos gostos pessoais, e, honestamente, nunca tinha sentido uma verdadeira necessidade de o fazer até este preciso momento. Afinal, o que será que realmente me atrai nos meios audiovisuais? Esta poderá ser legitimamente a pergunta de um futuro professor e, para a qual, confesso não ter uma resposta imediata e clara.

É justamente através da obra do artista sul-coreano Nam June Paik, que tive a felicidade de testemunhar recentemente no Museu Coleção Berardo em Lisboa, que, de certa forma, encontrei algumas das respostas procuradas. O artista transmite nitidamente a ideia de que as novas tecnologias contribuem decisivamente para o processo de globalização, têm uma elevada capacidade de propagação a nível mundial e podem influenciar a vida de todos os povos, mesmo das populações mais isoladas e resistentes à modernização. Esta realidade é representada metaforicamente pelo artista com a construção de robots, todos eles formados por televisões, rádios e outras componentes eletrónicas vulgarmente utilizadas pelos suportes audiovisuais. Seria apenas intenção do artista promover as potencialidades deste tipo de comunicação, ou, por outro lado, uma forte *"intenção de denunciar os perigos de um meio de comunicação tão poderoso culturalmente"* (Souza, 2010, p. 5)? Fica a incerteza e, sobretudo, o indubitável fascínio demonstrado pelos meios audiovisuais. Sentimento que assumidamente também eu partilho.



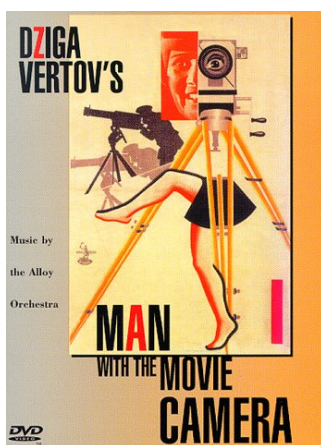
1,2

Vídeo-esculturas de Nam June Paik: "Electronic Superhighway" (1995), "TV is Kitsch" (1996)

De facto, tal como Paik manifesta através das suas criações artísticas, existe algo que é absolutamente incontornável, algo que o artista coloca sempre implícito. Refiro-me expressamente à *comunicação*. Hoje em dia, sustentados pela enorme capacidade de propagação que a internet oferece, os meios audiovisuais possibilitam uma expansão da capacidade comunicativa nunca antes verificada. Logo, colocar esta capacidade comunicativa ao serviço da educação artística moderna é um desafio e, em simultâneo, uma necessidade. Reavivo as palavras do filósofo francês Gilles Deleuze, quando em 1983 introduz a capacidade

reflexiva que a produção cinematográfica já conseguia alcançar na época: *“Os grandes autores de cinema parecem-nos confrontáveis não apenas com pintores, arquitetos, músicos, mas também com pensadores. Eles pensam com imagens-movimento e com imagens-tempo, em vez de conceitos”*.¹

Igualmente inspirador durante o meu percurso surge Denis Arkadyevch Kaufman, mais conhecido por Dziga Vertov. Numa época em que o cinema guiava as pessoas a um novo mundo de imagens em movimento, tal paixão, levou o cineasta a adotar o pseudónimo. *Dziga* é um nome de origem ucraniana e significa roda que gira sem parar (fazendo analogia à manivela da câmara de filmar). *Vertov* vem do verbo russo *vertert* e quer dizer girar, dar voltas em torno de um eixo. Foi criador do filme de documentário ou, como o próprio o apelidava, *cinema-verdade* (teoria do *kino-pravda*), defendendo a ideia da fiabilidade do olho da câmara, a seu ver mais fiel à realidade que o olho humano, ideia ilustrada pelos filmes que realizou (Granja, 1981).



3,4

Cartaz e fotograma do filme “The Man with the Movie Camera” (1929) de Dziga Vertov

Na sua obra mais famosa, “The Man with the Movie Camera” (1929), Dziga Vertov dá a conhecer o quotidiano do cidadão dos anos 20, através do “cine-olho”. Com este tipo de frase Vertov parece dar à câmara um estatuto de sujeito. Levanta-se a questão: *O que seria capaz de fazer Dziga Vertov com os meios audiovisuais da atualidade?*

¹ Citação obtida do prólogo, cuja paginação não é especificada, do livro: Deleuze, G. (1983). *Cinema 1: A imagem-movimento*. (Stella Senra, Trad.) São Paulo: Brasiliense.

1.2 Os meios audiovisuais

A utilização das novas tecnologias nos mais diversos setores da sociedade tem vindo a aumentar constantemente, e, nos dias que correm, percebe-se que é uma mudança já completamente irreversível. É, portanto, o momento ideal para refletir sobre os reais benefícios que essas tecnologias podem, ou poderão, num futuro próximo, vir a oferecer à sociedade em geral e, neste caso concreto, à educação artística dos jovens. Quando se alude à expressão *novas tecnologias*, a nossa mente associa-a quase mecanicamente a computadores e a todas as funcionalidades que estes, nas suas diversas configurações, atualmente viabilizam. Porém, nesta investigação, as novas tecnologias referem-se não só estritamente a computadores, mas a um conjunto mais amplo e até, em algumas situações, mais inserido no quotidiano das pessoas. Refiro-me concretamente aos meios que viabilizam a captação e o registo audiovisual. Um fenómeno de fusão tecnológica que o professor Henry Jenkins define como convergência²: “A word that describes technological, industrial, cultural and social changes in the ways media circulates within our culture. (...) Convergence is understood here as an ongoing process or series of intersections between different media system and not a fixed relationship” (Jenkins, 2006, p. 282).

Existe uma clara pressão para o desenvolvimento do currículo ao nível das artes no século XXI, de forma a incluir o estudo dos novos meios de comunicação audiovisuais (abrangendo o cinema, a fotografia e as artes digitais) e a permitir aos alunos utilizarem as TIC no contexto do processo criativo (Eurydice, 2009, pp. 12–13). Meios audiovisuais compreendem a integração entre o “*auditivo e o visual, a fim de produzir novas linguagens para expressar novas realidades sensoriais através de mecanismos como: a harmonia, em que cada som é acompanhado por uma imagem; a complementaridade, que enriquece a contribuição de cada elemento; o reforço, que permite o enriquecimento significativo para as duas partes, ou de contraste, que propõe a criação de sentido através do distanciamento e da diferença entre os dois*” (García-Roldán, 2012, p. 50).

² Definição original de convergência fornecida por Henry Jenkins no glossário do seu livro: Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture: Where old and new media collide*. New York University (p. 291).

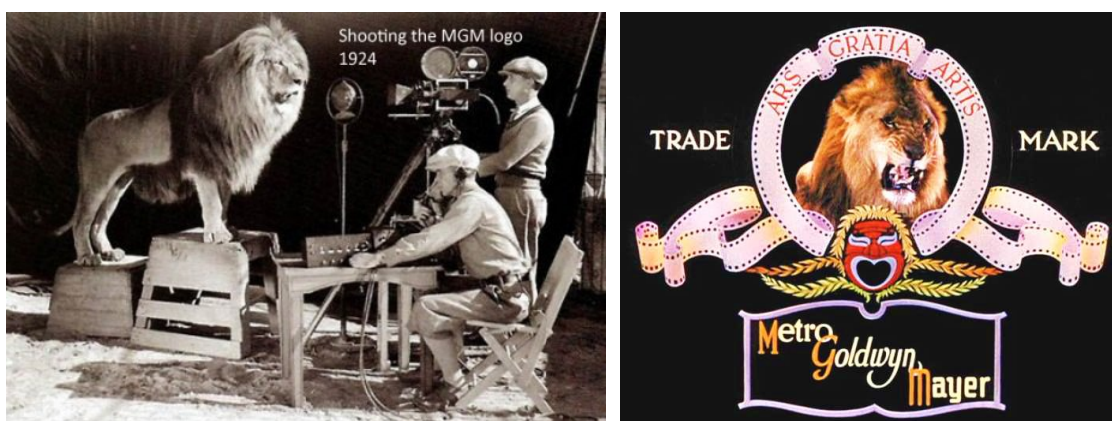
Segundo Lucia Santaella (2005), investigadora e docente em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo, "*o vídeo também produz uma sensação de intimidade e de extensão do gesto do artista, uma gestualidade até então associada à pintura, especialmente ao expressionismo abstrato na sua ênfase do ato físico de pintar. Com o vídeo, o gesto do artista podia ser registrado e o seu corpo observado no próprio ato de criar. Esse foi um outro fator responsável pela entronização relativamente rápida do vídeo nos ambientes artísticos*" (p. 54).

É esta tripla capacidade: de registo, assimilação e transmissão (de conhecimento) através dos meios audiovisuais, que deve ser valorizada enquanto metodologia pedagógica da escola contemporânea.

1.3 O que é o 'Making of'?

“(...) sempre quis saber como tinha sido feito!”

Para introduzir e, de certa forma, contextualizar esta estratégia, é necessário definir *making of*³, uma expressão que nasceu associada ao cinema, televisão e a outros meios de comunicação audiovisual. Refere-se ao ato de expor e esclarecer como uma determinada produção artística foi realizada. Esse esclarecimento surge normalmente em registo fotográfico ou vídeo, que é recolhido durante a própria execução da obra. Um exemplo bastante expressivo e universal foi o processo de captação das imagens do leão a rugir, que se tornou a imagem de marca presente no logo introdutório dos filmes da *Metro-Goldwyn-Mayer*⁴.



5,6

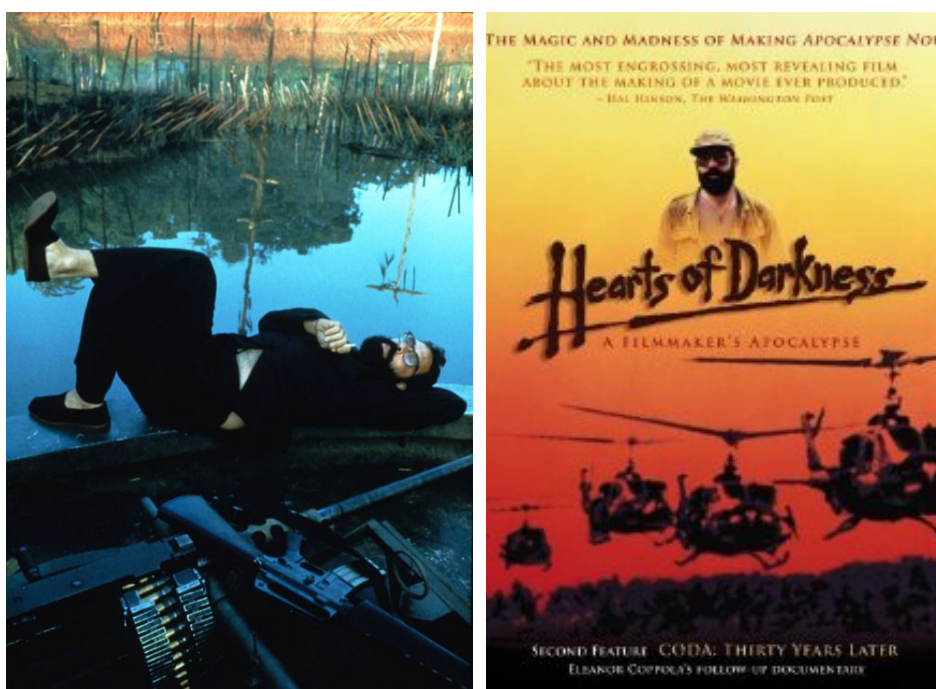
Fotografia que regista a produção do 1º vídeo introdutório dos filmes da MGM e resultado obtido

Para compreendermos a verdadeira importância do *making of*, recuemos até ao ano de 1976, altura em que Francis Ford Coppola, reconhecido cineasta norte-americano, viajou com toda a sua equipa para as Filipinas, com o objetivo de filmar a sua mítica obra, “Apocalypse Now” (1979). Um projeto que tinha sido programado para durar dezasseis semanas mas que, por inúmeros fatores, acabou por se atrasar, estendendo-se por quase três anos, até ficar concluído.

³ É um anglicismo que também conhecido por *behind-the-scenes*. Podem ser encontrados vários websites, redes sociais e programas televisivos que abordam este assunto como <http://behindtheillusions.tumblr.com/>, <http://pinterest.com/pixelpops/behind-the-scenes/> e a série *Science of the Movies*, do Discovery Channel.

⁴ Metro-Goldwyn-Mayer Inc., ou MGM, é uma empresa norte-americana de comunicação de massa, envolvida principalmente com produção e distribuição de filmes e programas televisivos, fundada em 1924.

Durante esse período, em que toda a equipa foi forçada a prolongar a sua estadia nas florestas e pântanos das ilhas Filipinas por duzentos e trinta e oito dias, muitas foram as peripécias, medos e incertezas vividas. Um vasto conjunto de acontecimentos que mais tarde deu origem a um outro filme, um documentário chamado “Hearts of Darkness: A filmmaker’s Apocalypse” (1991), que existe graças à esposa de Coppola, Eleonor. Esta, foi registando em vídeo todas essas ocorrências, sendo assim possível serem posteriormente divulgadas ao mundo. *“Hearts of Darkness é amplamente considerado um dos melhores filmes no subgénero vagamente conhecido como documentário ‘making of’, em grande parte por causa do acesso que os seus criadores tiveram a materiais raros, que normalmente, são extremamente difíceis de obter”* (Schneider, 2007, pp. 814–815).



7,8

Realizador Francis Ford Coppola a descansar no cenário das filmagens e capa do documentário “Hearts of Darkness: A filmmaker’s Apocalypse” (1991)

O importante a destacar acerca deste acontecimento é que a realização do *making of* foi de extrema importância para que todos os interessados pudessem, um dia mais tarde, perceber como o processo de criação artística aconteceu. Obviamente é preciso referir que em 1976 uma câmara de filmar não estava acessível a qualquer pessoa, algo que atualmente já não é verdade. Segundo a Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações, as vendas de

telemóveis em Portugal registaram um incremento de 16% no segundo trimestre de 2011. Os *smartphones* cresceram 79% e já representam 16% do total de equipamentos vendidos⁵. Mais recentemente, segundo os dados do Barómetro de Telecomunicações da Marktest, em Dezembro de 2012, cerca de 32.5% da população portuguesa já utiliza *smartphones*. Fazendo uma análise do perfil dos detentores de *smartphones*, é possível verificar um especial destaque junto dos indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 34 anos (50.1%)⁶.

Esta conjugação de dados demonstra o interesse crescente dos portugueses em explorar estes novos dispositivos de partilha e acesso à informação, que também possibilitam, na sua grande maioria, filmar ou fotografar. Tudo isto faz com que a prática do *making of* esteja cada vez menos limitada a empresas e a indústrias cinematográficas e televisivas. Pelo contrário, subitamente despontaram na internet diversos websites⁷ com o propósito de partilhar esses momentos de criação, recorrendo à forma através da qual melhor as pessoas compreendem: mensagens multimédia. As *“mensagens educacionais (instrucionais) multimédia, concebidas a partir da forma como a mente humana funciona, têm mais probabilidades de levar a uma aprendizagem significativa do que as que não o são. (...) O sistema humano de processamento da informação inclui canais duplos para o processamento visual/pictórico e auditivo/verbal (ou seja, o pressuposto dos canais duplos)”* (Mayer, 2009, p. 207).

Este fenómeno é relativamente recente e, como tal, está agora no início da exploração das suas possibilidades. Contudo, isto prova que as pessoas estão dispostas a realizar *makings of's* de todos os tipos de atividades que dominam e partilhá-los com todo o mundo, contribuindo para um novo modo de aprendizagem suportado pelos meios audiovisuais. De certa forma, esta metodologia de aprendizagem, que agora se começa a desenvolver, vai de encontro às ideias do filósofo austríaco, Ivan Illich, no seu livro *“Sociedade Sem Escolas”*, onde o autor defende, tal como refere o título, a eliminação das escolas em detrimento duma criação de redes de

⁵ Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações. (2011). *Venda de telemóveis aumenta em Portugal*. Disponível no website da APDC: <http://www.apdc.pt>.

⁶ Dados obtidos no website do Grupo Marktest: <http://www.marktest.com/wap/a/n/id~1b07.aspx>.

⁷ Websites que são autênticas plataformas de aprendizagem e partilha de conhecimento através de imagens e vídeos. Alguns dos exemplos mais significativos são: <http://www.howcast.com>, <http://www.wonderhowto.com>, <http://www.videojug.com> e <http://www.wikihow.com>. É possível aprender de tudo um pouco, desde semear uma certa espécie de árvore a executar um perfeito nó de gravata. Normalmente os tipos de conhecimentos são categorizados para uma mais rápida pesquisa.

aprendizagem universal. Este livro gerou um grande debate entre educadores e a grande maioria não concorda com ele, no que diz respeito especificamente ao fim das escolas. Contudo, é importante ressaltar que algumas das metodologias que o autor defendeu estão agora a surgir na sociedade. Da mesma forma que a televisão foi utilizada durante várias décadas para difundir informação⁸, surge agora a internet, que permite também uma interação e partilha do conhecimento. Qualquer pessoa pode procurar informação por si própria, ou disponibilizar os seus saberes ao mundo, tornando todo o processo de ensino e aprendizagem mais interessante e atrativo.



9,10,11,12

Imagens de *making of*, que elucidam sobre a forma de produção de alguns filmes

Comprovada a utilidade do *making of*, chega então a fase de pensar na sua utilização prática no âmbito da educação artística. Estes cursos têm como principal objetivo dotar o aluno de um

⁸ Exemplo da telescola que foi um sistema de ensino via televisão, surgido em Portugal no ano de 1965. A intenção era garantir o cumprimento da escolaridade obrigatória dos alunos.

conjunto de saberes que lhe possibilitem o desenvolvimento das capacidades de representação, de expressão gráfica e plástica, de comunicação visual e de análise e compreensão das obras de arte no seu contexto histórico e cultural⁹. Tanto no 3º ciclo do ensino básico, como no ensino secundário, existem diversas disciplinas, cuja organização curricular apela a um claro trabalho de desenvolvimento de projeto artístico, individual ou em grupo. Uma conjectura perfeita para os alunos aplicarem esta prática, ou seja, abrir novos horizontes aos seus projetos. Através do *making of* é possível partilhá-los com o mundo, explicar como ou em que contextos foram criados, objetivamente, valorizá-los. Antes de mais, será necessário avaliar se é realmente possível a íntegra aplicabilidade desta estratégia, respondendo à questão fundamental: *Qual é o papel do professor de Artes Visuais?* O professor, manifestamente, terá que ser o principal impulsionador deste tipo de prática, é-lhe exigido, naturalmente, que possua conhecimentos a nível de utilização das novas tecnologias. Aspeto que será fundamental no apoio aos alunos, pois embora os jovens de hoje sejam denominados de *nativos digitais* (Prensky, 2001 citado por Lopes, 2011, p. 22), isso não significa obrigatoriamente que saibam colher as vantagens didáticas dessas mesmas tecnologias. Assim, é exigido ao professor, não só um acompanhamento muito próximo durante as atividades que os alunos realizam, mas, fundamentalmente, que seja um guia na descoberta das verdadeiras vantagens que estes podem alcançar.

Para que os alunos possam executar os seus próprios *making of's*, tanto em contexto de sala de aula, como fora dela, poderão encontrar várias soluções disponíveis. Como já foi referido anteriormente, na atualidade, vários estudos apontam para que, pelo menos metade dos alunos Portugueses tenham um telemóvel com que seja possível filmar ou fotografar. Mas as possibilidades não se esgotam aqui. Existem computadores com *webcam's*, máquinas fotográficas, câmaras de filmar, *scanners*, etc. Uma das grandes vantagens que os avanços tecnológicos têm oferecido à sociedade é precisamente a acessibilidade a vários equipamentos deste género, com preços relativamente acessíveis à maioria da população. Mas, para que tanto os alunos, como os professores, se sintam motivados em realizar os registos visuais dos seus projetos e a partilhar os seus conhecimentos e experiências, é necessário que se percebam quais as vantagens que este esforço adicional pode trazer ao processo educativo.

⁹ Objetivos curriculares retirados do website da Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, URL: <http://www.dgicd.min-edu.pt/ensinosecundario/index.php?s=directorio&pid=21>.

1.4 Metodologias e estratégias de trabalho baseadas no 'making of'

A prática do *making of* na educação artística refere-se então, muito sucintamente, ao ato dos estudantes, durante os seus projetos artísticos, registarem todos os passos das suas obras, tendo em vista múltiplos objetivos didáticos e avaliativos. Esse registo é hoje possível e muito simplificado graças à convergência das novas tecnologias, sendo o primordial objetivo desta metodologia, compreender e avaliar os benefícios que tal prática poderá trazer à educação artística.

Vários têm sido os artistas que recentemente utilizam esta forma de divulgar os seus trabalhos, sendo fácil encontrar alguns exemplos significativos: o caso de Gerhard Richter, com o documentário "Gerhard Richter - Painting" (2011), mostrando o pintor de 80 anos durante o seu processo criativo, utilizando uma enorme espátula e uma técnica de raspagem fora do vulgar; o documentário "Lixo Extraordinário" (2010), acompanhando os trabalhos do artista plástico Vik Muniz e da sua equipa, num dos maiores aterros sanitários do mundo, onde encontra os materiais que utiliza para criar gigantescas composições visuais; ou ainda o documentário intitulado "Exit Through the Gift Shop" (2010), de Banksy que traça a história da *street culture*, mostrando diversos artistas de rua em pleno ato (ilegal) de criação através de graffiti e outras técnicas mistas. Esta forma de divulgação já era preconizada por André Bazin (1992) questionando: "(...) em vez de censurar ao cinema a sua impotência para nos dar fielmente a pintura, não poderemos pelo contrário maravilhar-nos por ter encontrado finalmente o sésamo que abrirá a milhões de espectadores a porta das obras-primas?" (p. 201).

Para que seja possível realizar uma avaliação ponderada acerca da aplicação desta estratégia na educação, torna-se fundamental perceber todas as vantagens que se poderão alcançar. Antes de mais, é importante que exista uma transversalidade, isto é, os benefícios não serem exclusivamente direcionadas para os alunos ou para os professores, devem ser para todos os intervenientes do processo educativo, sejam eles alunos, professores, família, amigos, comunidade escolar ou comunidade global (internet). Apela-se assim a uma filosofia de partilha, os trabalhos de cariz artístico produzidos durante as aulas, não se esgotam no momento, pois passará a existir a possibilidade de divulgação. Estes projetos, realizados em contexto escolar, permitem também que os jovens se aproximem da sua própria cultura com o objetivo de melhor

a entender, criticar e promover (Seifert & Sutton, 2009, p. 225). Com efeito, transversalidade é a primeira vantagem a destacar. Quanto maior for o número de pessoas a intervirem no processo de criação, seja direta ou indiretamente (muitas vezes até com uma simples opinião), maior probabilidade de motivação do aluno existirá, ficando este, sem dúvida, mais e melhor preparado para enfrentar os problemas da sociedade em que vive.

Seguidamente surge a aprendizagem. Um aluno, ao fotografar, filmar ou escrever sobre algo que ele próprio realizou, está a refletir sobre a sua própria aprendizagem – metacognição (Bidarra, 2009, p. 9; Fino, 1993, p. 9), aspeto importantíssimo do desenvolvimento juvenil. O *making of* pode, desta forma, ser um elemento chave para ajudar o aluno, no decorrer da sua formação artística. Muitas das vezes, durante os processos de criação, as pessoas ficam embrenhadas nos seus próprios pensamentos e convicções (Csikszentmihayi, 1997), o que impossibilita um certo distanciamento que permita observar o seu trabalho com um maior sentido crítico. Na prática, poderemos imaginar uma determinada aula, em que um aluno executa, por exemplo, um projeto de desenho. Durante a execução do trabalho vai fotografando as várias etapas: as fontes de inspiração, os materiais utilizados, as alterações progressivas da forma, etc. Mais tarde, ou no dia seguinte, quando decide rever as fotografias das diversas etapas, estará na prática a dar continuação ao seu processo de aprendizagem: pesquisa, tateia, explora, coloca uma questão instintivamente, propõe espontaneamente uma solução, dá ideias, toma iniciativas, resolve problemas, confronta, troca impressões com os outros, pede ajuda, dá a sua opinião, faz uma síntese, argumenta, julga, avalia, etc. (Mialaret, 1999). Mas as possibilidades de aprendizagem não se esgotam aqui. O registo visual que o aluno fez do seu projeto de desenho, poderá agora ser o instrumento mais indicado e facilitador no que toca a aconselhar um outro colega. O *making of* passa assim a ser reconhecido como um instrumento fomentador duma verdadeira situação de aprendizagem significativa¹⁰. *“A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, a aprendizagem torna-se mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente*

¹⁰ Teoria da Aprendizagem Significativa (Ausubel, 1982).

ou através de associações menos sólidas na estrutura cognitiva.” (Pelizzari, Kriegl, Baron, Finck, & Dorocinski, 2002:28)



13,14

O pintor Gerhard Richter durante o seu processo de criação

Se, eventualmente, o aluno decidir partilhar esse registo fotográfico numa determinada plataforma de internet, estará a aumentar exponencialmente as possibilidades de aprendizagem, tanto para ele próprio, pois poderá receber críticas, opiniões, sugestões (prática comum das plataformas web 2.0¹¹ como o *facebook*, *youtube*, *flickr* e tantas outras que surgem dia após dia), como para os outros utilizadores, que poderão, também eles, encontrar uma utilidade didática no projeto de desenho, promovendo a aprendizagem de um indeterminado número de pessoas à escala mundial.

Surge posteriormente a avaliação, que é precisamente um dos aspetos mais beneficiados de toda esta estratégia. Tal como refere o relatório “Educação artística e cultural nas escolas da Europa” elaborado pela Comissão Europeia em 2009, é “necessário acompanhar a progressão dos alunos ao longo do currículo, mas a avaliação nas artes é considerada particularmente difícil” (p. 10). O facto de avaliar, durante um exercício ou de um processo de aprendizagem e de informar os alunos dos seus desempenhos permite-lhe situarem-se em relação ao objetivo final fixado por eles próprios (Mialaret, 1999). Na educação artística em particular, existe uma certa

¹¹ "Web 2.0 (termo popularizado por Tim O'Reilly em 2006) é a mudança para uma internet como plataforma, e um entendimento das regras para obter sucesso nesta nova plataforma. Entre outras, a regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem os efeitos de rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva".

dificuldade adjacente a qualquer processo avaliativo. Tendo como base alguns programas curriculares de disciplinas como Desenho, Oficina de Artes ou Oficina de Multimédia é possível verificar, quase unanimemente, duas particularidades: por um lado, a importância do *fator evolução*, por outro a inconsistente falta de critérios concretos para avaliar essa evolução. É pois, neste contexto, que surge novamente o *making of*. Partindo do pressuposto que é feito um registo visual das várias etapas realizadas pelos alunos no decorrer seus projetos, esse mesmo registo poderá ter um papel fundamental, auxiliando o professor na fase de avaliação da disciplina. Retomando o exemplo do aluno que fotografou o seu projeto de desenho, percebe-se agora que esse *making of* do seu trabalho passa a ser, para o professor, um conjunto de evidências de aprendizagem. Desta forma, torna-se possível analisar alguns aspetos do projeto do aluno que antes passariam eventualmente mais despercebidos: ideia original; inspirações/motivações; metodologias aplicadas na execução; diferenciação das etapas; colaboração e contributos exteriores; demonstração prática de eventuais problemas ocorridos e autoavaliação e *feedback* externo. A análise de todos estes pontos poderá ter um contributo decisivo para a avaliação dos projetos, podendo, assim, ser realizada uma avaliação mais global e íntegra, que não se restringe ao produto finalizado como um todo nem ao simples acompanhamento comum do projeto, restrito ao período letivo. Por outro lado, do ponto de vista das estratégias do próprio professor, também existirão vantagens ao perceber de forma mais clara e concreta as dificuldades dos alunos, como também obter a percepção do que poderá ser alterado para facilitar o processo de ensino e aprendizagem em futuras ocasiões.

Por último, falta abordar uma das possibilidades que o *making of* oferece mais diretamente relacionada com a educação artística em específico. Trata-se precisamente da criação de portefólio. Mais uma vez, o aluno, ao registar as suas evidências de trabalho, estará simultaneamente a contribuir para o seu portefólio de artista. Atualmente, sobretudo ao nível do mercado de trabalho, este é um aspeto que ganha dia-a-dia maior destaque. Na área das artes, o portefólio é cada vez mais uma ferramenta essencial e imprescindível para demonstrar aos possíveis empregadores as capacidades e competências. Por consequência, quanto mais cedo os alunos começarem a trabalhar nesse sentido, melhor para o seu progresso, pois estão a criar hábitos de registo constante do trabalho realizado, uma metodologia que não se aprende exclusivamente através da transmissão teórica, tendo que ser praticada e assimilada. O aluno

pode utilizar câmara de vídeo, máquina fotográfica, ou outros equipamentos que explorem as suas funções e potencialidades (Mercado, 2008) e assim construir o seu portefólio digital “através de um registo sistemático escrito, desenhado, fotografado, filmado que fixe a memória do percurso na história” (Fantin, 2007, p. 8). Trata-se assim de um relevante benefício para os seus currículos, e, a nível artístico, existem muitos *making of's* que são, ou se tornam eles próprios verdadeiras obras de arte com o passar do tempo.



15,16

Trabalho do artista plástico Vik Muniz, em “Lixo Extraordinário” (2010)

Em síntese, a realização do *making of*, conduz a quatro vantagens concretas para a educação: *transversalidade* (útil para todos os intervenientes), *aprendizagem* (reflexão e partilha), *avaliação* (evidências de todas as etapas) e criação de *portefólio* (registo e arquivo dos trabalhos).

1.5 Reflexão e transposição do tema para a PES

“Poderá uma produção de vídeo resultante de um processo de aprendizagem tornar-se uma experiência audiovisual do desejo de assimilar e debater algumas questões relacionadas com a arte e a educação?”

-
ANGEL GARCÍA-ROLDÁN
in Revista inVISIBILIDADES

Os estudantes de hoje vivem num mundo repleto de recursos audiovisuais e multimédia. Demonstram claramente apreciar a multiplicidade destes recursos nos ambientes de aprendizagem. O acesso à informação audiovisual e à Internet é um dado adquirido nos seus métodos de trabalho. Quando aprendem, utilizam uma mistura de texto, imagens estáticas, som e vídeos. Presentemente é mais fácil produzir conteúdos digitais, logo, devem-se criar oportunidades de aprendizagem dentro do espaço escolar a pensar na colaboração entre alunos, professores e comunidades. Mesmo pequenos vídeos, sem grande primor técnico, poderão ter bastante impacto. Em suma, a prática do *making of*, poderá efetivamente trazer múltiplas vantagens a todos os processos de ensino, e, em especial, na abordagem do ensino artístico. Contudo, esta prática requer uma aplicação das novas tecnologias, que ainda não são amplamente aceites por alguns dos intervenientes do processo educativo. Laurie Anderson foi a autora de uma frase emblemática que consegue sintetizar de uma forma muito clara a minha opinião: *“A tecnologia é a fogueira em torno do qual nós contamos as nossas histórias”*. Na educação artística, esta frase instiga ainda maior reflexão, uma vez que serão precisamente estes alunos, aos quais a sociedade irá exigir, num futuro próximo, maior capacidade de comunicação e transmissão de mensagens criativas.

De forma a prosseguir este trabalho, que é um misto de reflexão e aquisição de novas aprendizagens, considereei que seria da máxima utilidade criar uma plataforma que reunisse todos os meus conhecimentos prévios sobre a produção audiovisual. A internet, pelo seu potencial fantástico e flexibilidade demonstrou ser o meio ideal para a concretização deste objetivo. A combinação de um website (que reúne as informações que o professor considera

relevantes) e um lugar real (neste caso, a própria escola) pode abrir espaço a um novo canal ativo de comunicação que favorece o ensino (Seifert & Sutton, 2009, p. 277).

A escolha de um nome para o website, por ser um fator decisivamente marcante para o sucesso ou insucesso, apenas mais recentemente se tornou definitiva. Esta complexidade advém da necessidade de encontrar um nome que fosse elucidativo, fácil de decorar e conciso (fator de maior relevo quando se trata de públicos maioritariamente juvenis). Assim, a escolha final do nome foi *Ensinar Cinema*¹². Para o respetivo alojamento foi selecionada a ferramenta *Weebly*¹³. O principal objetivo da plataforma passa então por proporcionar um apoio às mais diversas atividades educativas relacionadas com cinema e aos meios de produção audiovisual. A imensa diversidade de conteúdos, permite uma abordagem teórica e/ou prática, conforme as diferentes necessidades e contextos da sua utilização.

Os vários conteúdos programáticos foram divididos em dez temáticas principais:

- 1) Introdução ao Cinema;
- 2) Operação de Câmara;
- 3) Captação de Som;
- 4) Direção de Fotografia;
- 5) Direção de Atores & Equipa Técnica;
- 6) Escrita de Guião;
- 7) Realização (dia de filmagens);
- 8) Montagem;
- 9) Pós-produção áudio e vídeo;
- 10) Exibição do filme.


Existem ainda secções de links essenciais, tutoriais em vídeo, um fórum de discussão e uma página de contactos. Por se tratar de uma área que acompanha paralelamente a evolução da





¹² *Ensinar Cinema*, da autoria de Ricardo Braga Silva, disponível em: <http://ensinarcinema.weebly.com>.

¹³ Serviço gratuito de alojamento e criação de websites (<http://www.weebly.com>).

tecnologia, também o website reflete as constantes inovações e, dessa forma, tem vindo a ser atualizado em consonância com as minhas próprias aprendizagens.

APRESENTAÇÃO
CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS
LINKS ESSENCIAIS
TUTORIAIS EM VÍDEO
FORUM
CONTACTOS



Contextualização

Numa sociedade cada vez mais competitiva e com múltiplas carências de nível social e cultural, torna-se actualmente muito importante estimular o desenvolvimento de novas formas de pensar e assim, preparar os jovens para a resolução de problemas com criatividade, espírito de equipa e motivação.

O grande problema identificado passa pelo excesso de informação de cariz audiovisual, que vai aumentando a cada dia que passa em múltiplos meios como a televisão, internet, rádio, publicidade de rua, etc. Corre-se cada vez um risco maior de toda esta informação poder ser mal interpretada e analisada, caso não se faça uma correta filtragem de dados, o que só poderá acontecer através da uma maior promoção da cultura visual e um alargamento do olhar crítico.

Objectivos

- reflectir sobre a estética cinematográfica;
- compreender as motivações e períodos temporais da sua história;
- escrever criativamente desenvolvendo ideias e adaptando-as a possíveis guiões;
- domínio básico das técnicas audiovisuais (operação de câmara, captação de som, direcção de fotografia e todas as questões subjacentes à iluminação de espaços);
- organização do trabalho de realização em equipa e a compreensão dos diferentes cargos;
- interpretação do acto de montagem e manipulação da imagem e do som digitalmente;
- divulgação a um público e o respectivo acto de encarar a divergência de opiniões.

sapo/cinema/estreias

[Uma boa dose de Sexo](#)
Estreia a: 2013-08-22

...

[Os Joãos da Fome: Em Chamas](#)
Estreia a: 2013-11-28
SinopseA continuação das Aventuras de Kátriss Everdeen, num futuro não muito distant...

[Turbo \(V.P. - 3D\)](#)
Estreia a: 2013-07-18
SinopseTurbo é um caracol que sonha tornar-se o corredor mais rápido do mundo. A sua ...

[Outrage - Ultrage](#)
Estreia a: 2013-07-11
SinopseVários chefes de várias famílias da máfia japonesa almoçam com o Presidente...





[R.I.P.D.: Agentes do Outro Mundo](#)
Estreia a: 2013-07-18




...

[Uma boa dose de Sexo](#)
Estreia a: 2013-06-27

...

[Dá & Leva](#)
Estreia a: 2013-08-22
Sinopse"Dá & Leva" baseia-se na história verdadeira de um grupo de personal tr...

Seguinte

[Ver a Planificação](#)

Create a free website with weebly

PARTE 2

Prática de Ensino Supervisionada

2 - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NA ESCOLA SECUNDÁRIA/3 DA RAINHA SANTA ISABEL EM ESTREMOZ

A primeira parte da Prática de Ensino Supervisionada teve lugar na Escola Secundária Rainha Santa Isabel (ESRSI), em Estremoz. Este processo teve início a 24 de Setembro de 2012 e terminou a 13 de Dezembro de 2012. O núcleo de estágio foi constituído por dois membros (eu próprio e o colega Filipe Araújo).

Através do Professor Doutor Leonardo Charréu, tivemos conhecimento que o Professor Cooperante que nos iria acompanhar na ESRSI seria o Professor Domingos Isabelinho. Nesta fase iríamos acompanhar uma turma do Ensino Secundário do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais. Devido ao facto do Professor Domingos Isabelinho lecionar exclusivamente a disciplina de Geometria Descritiva e ao nosso grande interesse em abordar uma tematicamente maioritariamente ligada ao cinema e aos meios audiovisuais, foi decidido que iríamos realizar a PES na disciplina de Desenho A com uma turma do 10º ano, a cargo da Professora Ana Mateus. Esta alteração foi, na minha opinião, extremamente benéfica, uma vez que a disciplina de Desenho A, pela sua natureza própria, permite uma abordagem artística mais ampla e livre fazendo uso da sua elevada autonomia curricular. Esta alteração foi preponderante na preparação das nossas aulas, mais concretamente da unidade didáctica intitulada *Estremoz (re)persptivar*, que contemplou múltiplas aulas e um workshop. A preparação da UD teve assim como base os fundamentos da comunicação audiovisual, mantendo paralelamente uma forte ligação ao meio envolvente e à cidade de Estremoz. A complexidade do momento histórico que vivemos, aliado à nossa determinação por incluir, em sala de aula, novas práticas pedagógicas e artísticas conducentes a ampliar “modos de ler, ver, pensar e aprender” (Pires, 2010, p. 281), foi o ponto de partida desta *odisseia*.

Para melhor contextualizar toda a experiência, ao longo deste ponto, tentarei transmitir uma imagem fiel, do que foi para mim, conhecer a cidade de Estremoz, explorar os distintos espaços da ESRSI e transmitir todas as vivências e experiências decorrentes do riquíssimo contacto com os alunos e restantes pessoas envolvidas.

2.1 Estremoz, uma nova cidade, uma nova experiência



18,19,20,21

Diversos locais da cidade de Estremoz

A cidade de Estremoz é sede de concelho e pertence ao distrito de Évora. O concelho de Estremoz contém uma área de 514 Km², detinha, de acordo com os dados do Censos de 2011, uma população de 14.318 habitantes distribuídos pelas treze freguesias que formam o concelho. Este, encontra-se limitado a noroeste pelo concelho de Sousel, a oeste por Arraiolos, a sul por Évora e Redondo, a este por Borba e a nordeste por Monforte.

Tal como em toda a região do Alentejo, também em Estremoz se verifica uma baixa densidade populacional, comprovada pela média de 30 habitantes/Km².

Entre as principais atividades económicas do concelho surgem as atividades agrícolas (vinha e horticultura), o artesanato e a indústria extrativa do mármore, que constitui a principal fonte de riqueza da região. Parte considerável da população trabalha ainda no setor dos serviços, sendo o turismo uma das importantes fontes de receita da região.

O artesanato é muito rico e variado, sendo de salientar os bonecos de Estremoz em barro, os bordados tradicionais, a olaria utilitária e decorativa, as peles e cabedais, as rendas, os trabalhos em buinho, em cabaças, em cana, em chifre, em cortiça, em madeira, em mármore, em palhinha e em vidro.

Cerca de 40% do seu território está coberto de floresta, sendo as principais espécies arbóreas a oliveira, o sobreiro e a azinheira.

Em relação ao património histórico e monumental de Estremoz, destaca-se o seu castelo medieval. Ergue-se no topo da colina, identificando-se elementos dos estilos gótico, moderno e neoclássico. É envolvido por uma cerca baixa ameada, percorrida por um adarve largo, reforçada com quatro cubelos semicilíndricos. Pelo lado sul, ergue-se a Torre de Menagem com 27 metros de altura, coroada por merlões prismáticos, é rasgada por três balcões ameados. Situada no Largo Dom Dinis encontra-se também a emblemática Estátua da Rainha Santa Isabel, em mármore branco, assente numa base circular.

Em 1688, no Rossio de São Brás, foi construído um imponente lago, de cerca de 40 m², no centro do qual se encontra uma figura do deus romano Saturno, senhor do tempo (a ampulheta que segura na mão marca uma passagem do tempo e a gadanha é a foice simbólica ligada à mitologia). O lago passa assim a ser conhecido e reconhecido por todos como “Lago do Gadanha”. É uma marca importante do período barroco em Estremoz, apresentando uma irónica e contraditória ambiguidade. O “Gadanha”, que representa a fugacidade e celeridade do Tempo, acaba por ser eterno, permanecendo na memória coletiva da cidade. Pode ler-se a seguinte inscrição: *“Corre o tempo velozmente / Como a água da corrente / Nós também da mesma sorte / Correndo vamos à morte”*.

O Café Águias D'Ouro, edificado em 1908, possui três pisos, sendo de realçar as enormes janelas e varandas dos pisos superiores, de estilo Arte Nova, construídas com complexas guardas de ferro com motivos geométricos e vitrais executados a verde, castanho e azul. É um sobrevivente dos antigos cafés de tertúlia portugueses de finais do século XIX, inícios do século XX, daí a importância sociológica do mesmo.

São também de referir a Igreja de São Francisco, datada do século XIII, em estilo gótico, e as portas e baluartes da cidade, salientando-se as que foram objeto de classificação oficial autónoma: Porta de Santo António, Porta de Santa Catarina e as Portas de Currais e Évora.

No campo cultural, é essencial enaltecer a “Rede de Museus do Concelho de Estremoz”. Trata-se de uma livre associação de museus e coleções visitáveis cujos principais objetivos passam pela divulgação dos espaços museológicos, bem como pela promoção da circulação de visitantes entre eles. A rede é um incentivo à colaboração entre os diversos museus na área das exposições, atividades educativas e auxílios técnicos. Decorreu em Maio de 2012 a 5ª edição do

evento, que contou com a participação do Museu Municipal de Estremoz Prof. Joaquim Vermelho, o Museu Rural de Estremoz da Casa do Povo de Santa Maria de Estremoz, Centro de Ciência Viva de Estremoz, Casa Agrícola José Matos Cortes, Misericórdia de Veiros, Museu Militar do Regimento de Cavalaria nº3, Museu de Arte Sacra da Paróquia de Santo André e o Museu do Bombeiro.

A oferta cinematográfica da cidade acontece constantemente no Teatro Bernardim Ribeiro, que é a principal sala de espetáculos do concelho. A sala tem uma lotação total de 314 lugares. A propaganda às sessões é facilmente inteligível através de cartazes colocados em locais estratégicos como entradas de supermercados, paragens de autocarros, montras de cafés, etc. Em relação ao género dos filmes apresentados, variam bastante, o que é um excelente sinal, pois permite atrair maior quantidade de público e mais diversificado.

A educação dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e Secundário ficam a cargo das escolas: EB 2,3 Sebastião da Gama e Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel.

2.2 A Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel

A Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel (ESRSI), em Estremoz, foi o primeiro local de desenvolvimento da minha PES. A primeira impressão que obtive do espaço escolar foi ótima.



22,23,24,25

Escola Secundária/3 Rainha Santa Isabel

Fazendo uma breve perspetiva histórica sobre a Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel recuamos ao ano de 1924, quando foi fundada a Escola de Artes e Ofícios de Estremoz, que tinha o seu local de funcionamento no atual edifício do Museu Municipal. Em 1930, este estabelecimento de ensino foi elevado à categoria de escola industrial, tendo-lhe sido atribuída a designação oficial de Escola Industrial António Augusto Gonçalves.

De 1949 a 1964, a escola teve o seu local de funcionamento na antiga Sala de Armas de D. João V, hoje Pousada Rainha Santa Isabel. Em 1964 é inaugurado o edifício atual, construído de raiz para o efeito. Foi aí docente o escritor e poeta Sebastião da Gama, que se destacou pelos seus métodos pedagógicos inovadores.

Em 1975 a escola volta a mudar de nome, passando a ser designada como Escola Secundária de Estremoz. Outra nova designação foi definida em 1987, que se mantém até à atualidade: Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel. Desde a sua origem, serviu e recebeu os jovens dos concelhos vizinhos, nomeadamente Arraiolos, Borba, Fronteira, Monforte e Sousel.

Mais recentemente, no ano letivo de 1999/2000, entra em vigor um novo modelo de gestão que levou à reformulação de alguns órgãos intermédios de gestão. Em 2000/2001 é implementada a Gestão Flexível do Currículo no 7º ano, tornando-se esta escola a primeira escola secundária da Direção Regional de Educação do Alentejo com esta nova modalidade curricular. Paralelamente, como resposta às necessidades identificadas, tem vindo a diversificar a sua oferta formativa.

Em 2008, a Escola Secundária/3 da Rainha Santa Isabel e a Direção Regional de Educação do Alentejo (DREA) celebraram entre si um contrato de autonomia, que vigorou até ao final do ano letivo 2010/2011. Os objetivos gerais do contrato de autonomia (cfr. Anexo 4) celebrado entre a ESRSI e a DREA são os seguintes: fomentar o sucesso educativo; combater o abandono escolar; oferecer uma real igualdade de oportunidades, diversificando as ofertas de formação; implementar e otimizar um Pólo de Formação em parceria com a delegação de Évora do Instituto de Emprego e de Formação Profissional, visando a qualificação de todos os jovens e o complemento de formação dos ativos da região; combater os efeitos negativos da interioridade no processo de formação dos cidadãos; otimizar a organização escolar, com vista a uma melhoria global no tempo de permanência dos docentes e discentes na escola; contribuir para a formação contínua dos docentes e não docentes; melhorar a qualidade de ensino, motivando todos os elementos da comunidade educativa; dotar a escola de condições de trabalho dignas, tornando-a acolhedora para toda a comunidade.

O Projeto Educativo (cfr. Anexo 2) traça um quadro da realidade escolar atual e explicita quais são os principais problemas identificados, as áreas de intervenção prioritária e as metas a atingir. Uma das apostas da ESRSI é a existência de vários Projetos e Clubes: Clube dos Direitos Humanos; Clube do Cinema; Clube das Artes; Projeto Serra D'Ossa; Desporto Escolar; Clube de Columbofilia; Clube de Teatro; Clube de Teatro de Fantoques; Clube MATIC; Clube Mecatrónica; Clube de Poesia; Clube das Ciências; Clube das Línguas; Clube de Atletismo. A adesão a estes clubes por parte dos alunos é de carácter optativo mas dada a diversidade de ofertas, é de notar um claro desejo da direção em criar novos elos de ligação entre os alunos e a instituição escolar.

Uma ligação que vai muito além das atividades letivas, procurando atrair os interesses pessoais do maior número possível de alunos. Os Serviços disponíveis na escola são os seguintes: Biblioteca/Centro de Recursos, Papelaria, Reprografia, Secretaria, Tesouraria, Ação Social Escolar, Bar/Bufete e Refeitório. A escola conta ainda com uma Associação de Estudantes e uma Associação de Pais e Encarregados de Educação.

Uma vez que escola foi recentemente intervencionada, ao abrigo do programa de requalificação do “Parque Escolar”, dispõe atualmente de excelentes equipamentos desportivos, de um auditório munido de equipamento de topo, além das salas disporem de equipamento informático e ligação à Internet. Especial reparo foi também dado á reformulação dos espaços exteriores. Sente-se uma verdadeira harmonia ao caminhar pelos circuitos, todos eles circundados por zonas de jardim, vegetação decorativa e vários tipos de árvores.



26,27,28

Diversos espaços da ESRSI

A prática letiva com o 10º ano aconteceu na sala de Desenho. É uma sala com grandes dimensões, espaçosa, que transmite, por si só, um ambiente bastante agradável. O branco é a cor que prevalece, transmitindo uma sensação de calma, o que favorece naturalmente qualquer espaço de índole criativa. A sala de aula dispõe de 25 mesas, 25 cadeiras giratórias, 1 quadro branco, um projetor de vídeo, 1 tela de projeção extensível, 1 computador com ligação à internet e alguns armários para arrumação de material. A sala não tem janelas laterais mas sim no teto, que possibilitam um ambiente com iluminação natural adequada. Contudo, este é simultaneamente o único ponto negativo, já que por vezes a projeção de recursos audiovisuais carecia de um escurecimento do espaço, que era impossível. Como aspeto mais positivos, destaco a disposição das mesas em “U”, que facilita a mobilidade, assim como a existência de um espaço anexo com bancada corrida e espaços de arrumação e lavagem, que aumentam a versatilidade do espaço, possibilitando todos os tipos de trabalhos plásticos.



29,30

Sala de Desenho e respetivo espaço anexo

Além da sala de Desenho, também foram utilizados outros dois espaços, importantes para o desenvolvimento das atividades executadas no âmbito da PES. Um desses espaços foi a sala Multiusos, habitualmente utilizada pelo Clube de Teatro. Foi a sala onde aconteceu o workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual, descrito posteriormente. Esta sala Multiusos, pelas suas favoráveis características permitiu um conjunto de atividades, pouco habitual em salas de aula comuns. Por ser um espaço normalmente utilizado para atividades de teatro, tinha uma frase afixada no teto, bastante própria e encorajadora. A sala tinha uma área aberta bastante extensa, aparelhagem com colunas, mesas redondas e cadeiras, um piano e bancos corridos.



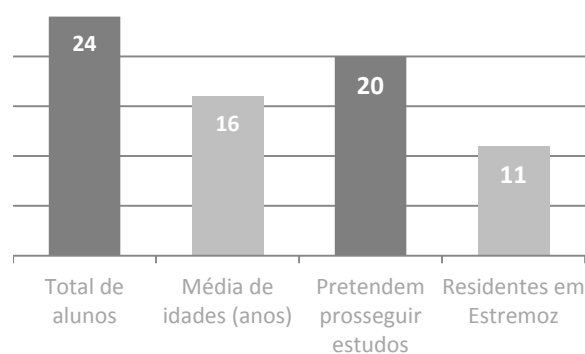
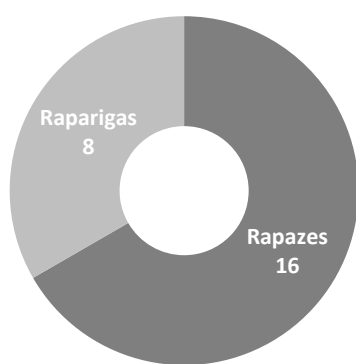
31,32,33

Sala Multiusos

Em síntese, depois de ter sido intervencionada, em todas as instalações da ERSI é nitidamente visível uma marca que revela uma aprendizagem com o passado e que se traduz pela polivalência e harmonia de todos os seus espaços escolares na atualidade.

2.3 Caracterização dos alunos da turma 10º F

A turma 10º F, do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, era inicialmente composta por um total de 24 alunos, sendo que a sua média de idades era de 16 anos. Verificava-se uma preponderância de elementos do sexo masculino, contabilizando um total de 16 rapazes e 8 raparigas. No entanto, quatro destes alunos, por motivos diversos, saíram e a turma ficou reduzida a apenas 20 elementos.



34,35 Gráficos de caracterização dos alunos da turma 10ºF

No âmbito das expectativas em relação ao prosseguimento de estudos, a grande maioria (82,4%) tem intenção de obter um curso de ensino superior, sendo a área da arquitetura a mais desejada (7 alunos demonstraram essa preferência), mas também existem outras opções artísticas como Design de Moda, Design de Interiores ou Música.

No que se refere à ocupação dos tempos livres, ouvir música é a atividade que mais se evidencia. Os alunos elegem também atividades relacionadas com a utilização das novas tecnologias, internet e televisão para o topo das suas preferências. As práticas desportivas também são bastante contempladas e diversificadas como o Futebol, Futsal, Ténis de Mesa, BTT, Ballet, Vólei e Skate. Destaque igualmente para algumas atividades de cariz artístico que também são relatadas como Desenhar ou tocar Guitarra.

A pensar num melhor acompanhamento no decorrer as aulas de Desenho A, a turma encontra-se dividida em dois turnos. O turno 1, selecionado para o desenvolvimento da PES, é composto por 10 alunos, dos quais 7 são rapazes e 3 são raparigas. Assim, esta fração da turma

foi observada e analisada de uma forma muito mais atenta e detalhada, o que permitiu chegar a algumas conclusões práticas.

A nível de cuidados de saúde, neste turno, 3 alunos apresentavam algumas dificuldades visuais, mais patentes, em especial, num deles. No registo do presente ano letivo é ainda possível observar que 5 dos alunos presentes no turno 1 já reprovaram em anos letivos anteriores, o que se manifestava naturalmente através de alguma falta de interesse e empenho no dia-a-dia escolar. O local de residência também é um indicador que não pode ser descurado, pois alguns dos alunos residem fora de Estremoz (Cano, Casabranca, Fronteira, S. Bento do Cortiço, St^o. Aleixo, St^o. Amaro e Vimieiro, Veiros, Évora Monte, S. Domingos de Ana Loura), tendo que enfrentar diariamente bastante tempo de deslocações.

Foi também verificado que o grau de acompanhamento dos encarregados de educação variava de caso para caso. Se por um lado alguns alunos manifestavam ter um forte acompanhamento e aconselhamentos diários dos seus EE, já noutros casos isso não sucedia. As habilitações literárias dos pais são maioritariamente ao nível do 2^o e 3^o ciclos.

Durante as aulas de observação iniciais, foi possível ainda concluir que embora existissem alguns problemas pontuais, a nível de convivência interpessoal, se tratava de um grupo forte, dinâmico e equilibrado, com sentido de entreatajuda e onde a amizade entre os vários elementos se verificava. Aspeto relevante, que abria uma clara janela de oportunidade, pois a maioria dos alunos demonstrava determinadas dificuldades práticas no Desenho, que seriam mais facilmente ultrapassadas com a ajuda mútua dos colegas. Tratava-se de um grupo com experiências escolares diversificadas, níveis de motivação e interesses bastante díspares, bem como ritmos de trabalho distintos.

O conhecimento dos alunos passou também pela perceção dos seus erros e das suas dificuldades, algo que foi essencial para a posterior preparação das atividades a desenvolver no decorrer da prática letiva. O turno 1 foi avaliado em duas perspetivas na disciplina de Desenho A: domínio das atitudes e valores e competências e saberes.

2.4 Análise do programa da disciplina de Desenho A

A disciplina de Desenho A insere-se no curso Científico-Humanístico de Artes Visuais e faz parte da formação específica do 10º, 11º e 12º ano. Tem uma carga horária semanal aplicada ao longo dos três anos letivos, composta por dois blocos de 90 minutos e um outro, mais extenso, de 135 minutos.

O plano curricular desta disciplina (cfr. Anexo 6) encontra-se dividido em duas partes programáticas. A primeira corresponde ao do 10º ano, no qual estão presentes as finalidades, os objetivos, os conteúdos e temas, sugestões metodológicas, competências a desenvolver, recursos e avaliação. A segunda parte corresponde ao 11º e 12º ano, que inclui os conteúdos e sugestões metodológicas. Ambos os programas apresentam sugestões bibliográficas de apoio reservadas a cada conteúdo específico. Também cada um dos programas apresenta sugestões quanto às estratégias a serem desenvolvidas durante as aulas. Em relação aos objetivos gerais desta disciplina, pretende-se promover a comunicação, o domínio e a perceção do desenho de forma eficiente e expressiva.

O desenvolvimento da perceção visual, a expressão gráfica e a comunicação visual encontram-se apontadas como áreas a desenvolver em estreita relação com os conteúdos mencionados: visão, materiais, procedimentos, sintaxe e sentido, e cuja abordagem aos mesmos deverá integrar a exploração dos temas (ou subtemas) sugeridos.

De acordo com o programa, pretende-se levar o aluno a comunicar, perceber e dominar o desenho de uma maneira produtiva, recorrendo aos diversos meios expressivos (grafite, carvão, tinta da china, etc.).

A avaliação da disciplina de Desenho A deve ser contínua, integrando a modalidade formativa e sumativa. São objeto de avaliação a aquisição de conceitos, a concretização das práticas e o desenvolvimento de valores e atitudes. Como instrumentos de avaliação poderão ser contempladas todas as concretizações gráficas produzidas no âmbito da disciplina, textos produzidos, contribuições para o desenvolvimento de atividades na escola e provas com carácter prático.

A principal deficiência existente neste programa é a questão da autoavaliação. Um dos objetivos da autoavaliação é permitir ao aluno comparar o seu próprio desempenho com o que se esperava e é a partir dessa confrontação que o aluno poderá agir de forma a reduzir ou

eliminar essa disparidade. A autoavaliação possibilita ao aluno refletir sobre comportamentos e competências que desenvolveu, estimula a autocrítica e contribui para o processo de responsabilização do mesmo, promovendo a aprendizagem própria.

Para o professor, os instrumentos de autoavaliação possibilitam refletir sobre as suas estratégias e opções didáticas, perceber o que está desenquadrado ou é inadequado, ajudando-o a tomar decisões mais assertivas em futuras planificações.

Desde os primórdios, o desenho é uma das formas mais eficientes de comunicar. Foi através dos desenhos produzidos pelos povos da antiguidade que ficámos a conhecer certos detalhes da história da humanidade. Através do desenho é possível transmitir ideias, sentimentos, sensibilidades e emoções. O desenho não tem necessariamente de ser um retrato fiel da realidade, mas sim deve ser resultado da perceção que o sujeito tem da sua própria realidade. Através desta disciplina, deverá ser promovido o conhecimento na sua plenitude. Esta disciplina tem a incumbência de permitir a exploração a vários níveis. Deverá também facultar aos alunos o gosto pelo desenho e fomentar o espírito crítico, tornando-se uma prática construtiva e consciente. No fundo, trata-se de promover o desenvolvimento pessoal, nomeadamente, a criatividade e originalidade na representação e na produção do próprio conhecimento (Duncum, 2010, p. 61)

Procurando, por fim, algum espaço para enquadrar os audiovisuais e o cinema na disciplina Desenho A, ainda que não sejam referidos diretamente, é mencionado nas competências a desenvolver que *“o aluno conseguirá ler criticamente mensagens visuais de origens diversificadas e agir como autor de novas mensagens, utilizando a criatividade e a invenção”*. Ainda no programa dedicado ao 12º ano, o cinema surge explicitado nas sugestões metodológicas específicas em *Imagens Animadas*, através da construção de um livro com ilusão de movimento. Existe igualmente a sugestão de uma unidade didática, *Animação*, em que o aluno deve planear e executar uma sequência de um filme animado.

2.5 Unidade Didática: Estremoz (re)perspetivar

"O melhor realizador é, para mim, aquele que se torna realizador dos seus sonhos."

-

GUIDO ARISTARCO & TERESA ARISTARCO

in "O Novo Mundo das Imagens Electrónicas", 1990

Numa sociedade cada vez mais competitiva e com múltiplas carências de nível social e cultural, torna-se atualmente muito importante estimular o desenvolvimento de novas formas de pensar e assim, preparar os jovens para a resolução de problemas com criatividade, espírito de equipa e motivação. O grande problema identificado (que esteve na origem do desenvolvimento desta UD) passou pela tomada de consciência do excesso de informação de cariz audiovisual, que vai aumentando a cada dia que passa em múltiplos meios como a televisão, internet, rádio, publicidade de rua, etc. Corre-se cada vez um risco maior de toda esta informação poder ser mal interpretada (Pinto, Pereira, Pereira, & Ferreira, 2011, pp. 53–56)¹, caso não se faça uma correta filtragem de dados, o que só poderá acontecer através de uma maior promoção da cultura visual e um alargamento do olhar crítico.

Exposta esta premissa inicial, a construção da UD que seria posta em prática com a turma 10º F, na disciplina de Desenho A (e que acabou por abranger muito mais público, como será referido posteriormente), foi então denominada: *Estremoz (re)perspetivar*. O grande desafio foi, através da comunicação audiovisual e do cinema, abrir novas perspetivas, tanto a nível das capacidades de criação artística dos alunos, como na forma de interagirem (com o outro e com o meio). Foi então planificado (cfr. Apêndice A) que durante esta UD seriam lecionadas, por mim e pelo meu colega em estágio, um conjunto de seis aulas, das quais irei relatar a experiência (da preparação, condução e avaliação do impacto sobre os alunos) em três das sessões que estive diretamente envolvido. Todas as temáticas abordadas tiveram como propósito a preparação dos alunos para o workshop de *Cinema e Comunicação Audiovisual* que iria colocá-los, finalmente,

¹ Algumas preocupações e advertências também referenciadas no relatório "Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos", elaborado pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social em 2011.

no *papel de realizadores*, permitindo assim abordar uma série de dimensões estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas (Fantin, 2007, p. 1).

O Lugar onde vivo: Interpretação, Ampliação & Representação

A observação inicial de aulas e a primeira atividade realizada

Durante algumas observações iniciais de aulas com a turma 10^º F, tal como referido anteriormente, foi possível ampliar gradualmente o conhecimento dos alunos, porém, foi igualmente importante enquadrar e compreender mais pormenorizadamente a temática que a Professora Ana Mateus vinha a desenvolver, segundo a planificação a longo prazo (cfr. Anexo 7) da disciplina de Desenho A. Os alunos, por ser no início do 10^º ano, estavam claramente num período de adaptação, o que por vezes transtornava algumas estratégias educativas. Em alguns casos tratava-se de uma nova escola, uma nova turma, uma nova e mais exigente área de estudo (Artes Visuais). Em relação à prática do desenho, a professora procurava realizar alguns exercícios primários com o objetivo de que os alunos começassem a soltar o traço e a ganhar a confiança necessária que lhes permitisse passar para abordagens mais complexas. Foi possível observar algumas aulas bastante interessantes, não só ao nível dos exercícios por vezes bastante espontâneos que eram propostos pela docente, como também pelos locais escolhidos para a realização dos mesmos. Uma das aulas em que os alunos demonstraram maior nível de empenho, aconteceu quando tiveram a oportunidade de ir realizar desenhos de observação no Castelo de Estremoz.



36,37,38

Exercício de desenho de observação, realizado durante o passeio ao Castelo de Estremoz

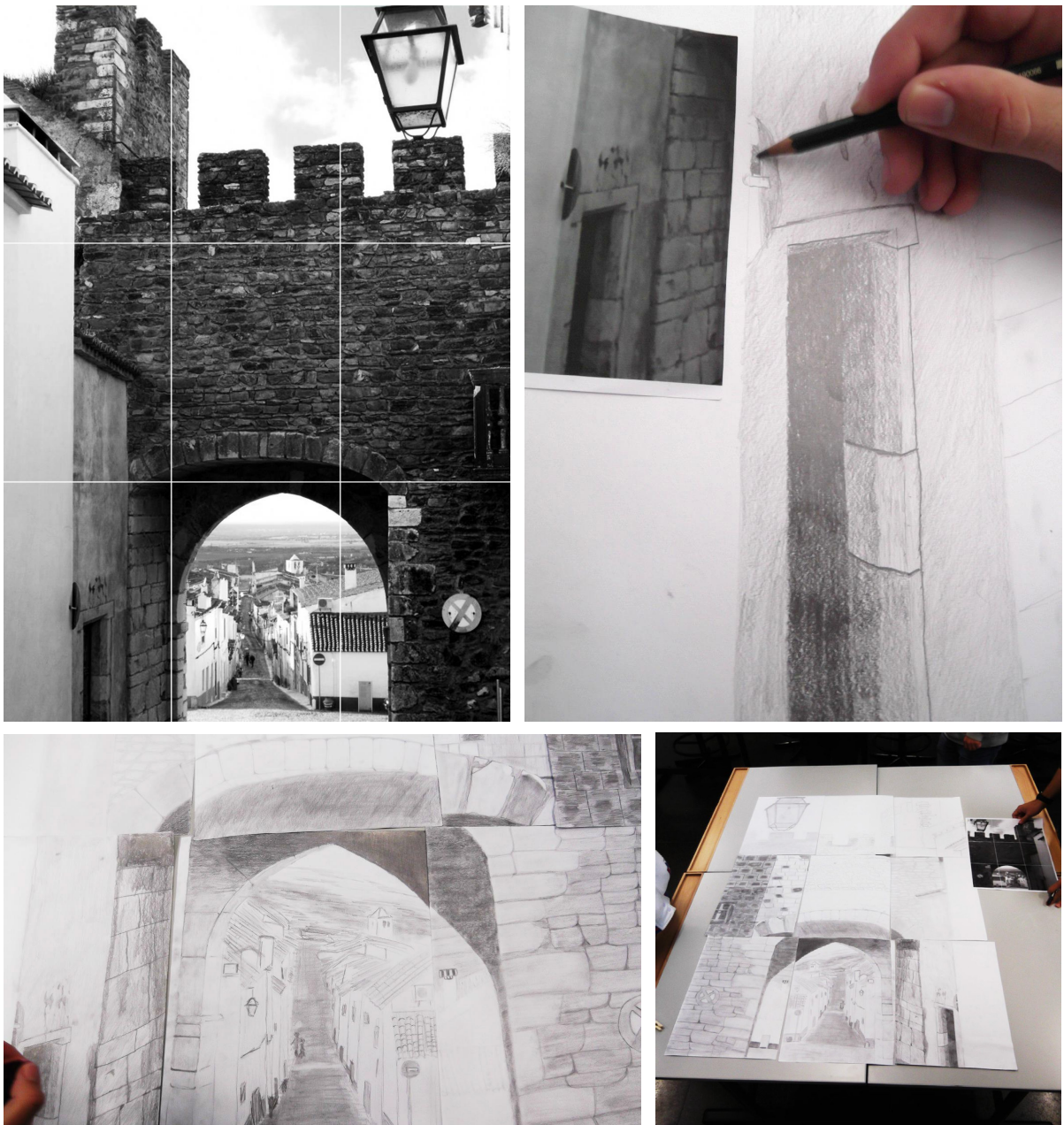
Foi uma atividade perfeitamente possível de realizar uma vez que o tempo da aula é extenso (135 min.), viabilizado assim através de um agradável passeio a pé, uma deslocação ao topo do castelo apenas com os lápis e blocos de desenho prontos a utilizar. Na minha opinião, esta atividade foi marcante em três vertentes: serviu para enfrentar algumas dificuldades que os alunos apresentavam no desenho de perspetiva; foi uma clara lição de valorização do património da cidade e, acima de tudo, um momento de diálogo e partilha de experiências e conhecimentos que tivemos com os alunos.

Chegou assim o momento de organizarmos as duas primeiras aulas da nossa UD, que foram exclusivamente enfocadas no desenho, de forma a garantir uma certa continuidade (que auxiliaria os alunos e a nós próprios). Assim, por ser para nós também um período inicial de adaptação, foi importante nesta fase ter um cuidado redobrado na planificação e preparação das aulas. Propusemos a realização de um exercício de ampliação, contudo, de forma a criar um desafio extra aos alunos, no enunciado que produzimos, dividimos a imagem pelo número total de alunos. Uma divisão que obrigou a um sentido especial de colaboração, entreajuda e coresponsabilização. Esta proposta igualmente corroborada por Philip Cabau (2011): *“O sentido pedagógico do enunciado de um exercício de desenho só pode ser alcançado quando ele se torna, na sua experimentação, simultaneamente jogo e trabalho, aceitação e dúvida. Enquanto trabalho, ele é parte integrante da consciência da aprendizagem. Enquanto jogo, ele é o próprio motor da renovação que permite sustentar esse trabalho”* (p. 15). Em relação à escolha da imagem, optámos por uma fotografia tirada durante o passeio ao castelo, proporcionando também nesse aspeto alguma continuidade.

Este exercício foi executado em duas aulas, sendo a primeira lecionada pelo meu colega de núcleo e a segunda por mim. Na primeira parte, foi mostrado aos alunos uma apresentação designada por *“O Lugar onde vivo: Interpretação, Ampliação & Representação”* (cfr. Apêndice B), que explicava o tipo de exercício proposto, enumerava os materiais a utilizar, exibia alguns exemplos práticos e indicava a forma como iriam ser avaliados. Adicionalmente, foi incluído um link para o website *Art2Day*², que considerámos importante os alunos conhecerem, visto tratar-se de uma das mais modernas e completas fontes de conhecimento com obras de artistas contemporâneos de todo o mundo.

²Do autor de Jamie Rogers, professor de Arte e Fotografia. Disponível em: <http://www.art2day.co.uk>.

Os alunos iniciaram assim a realização do exercício, tendo sempre em consciência que seria necessário fazerem o melhor possível, uma vez que o fragmento da fotografia que estavam a ampliar iria ser unido, no final, ao dos colegas. Agora, referindo-me mais diretamente à segunda aula (que foi a minha primeira experiência com a turma), vários alunos estavam a sentir algumas dificuldades, naturalmente provocadas pela complexidade da imagem original.



39,40,41,42

Exercício de desenho (interpretação, ampliação e representação) elaborado pelos alunos

Foi possível ir fazendo algumas correções e aconselhando alguns alunos, no sentido de melhorarem a sua representação, contudo, o tempo reduzido impediu que o resultado final pudesse atingir um nível superior. Optei (instintivamente) por auxiliar mais diretamente os alunos que estavam com dificuldades na composição básica das linhas estruturantes do desenho, o que infelizmente me fez descorar alguns alunos que pretendiam melhorar o contraste dos seus sombreados através do claro-escuro.

Chegou rapidamente o final da segunda aula, e, naturalmente, o momento de juntar os desenhos de ampliação realizados, avaliando assim o impacto do novo desenho comum. Foi interessante verificar a determinação que todos os alunos demonstraram neste momento. Pedi que cada um, individualmente desse a sua opinião, tanto do seu desenho, como numa perspetiva geral. Embora durante o trabalho tivessem constantemente testado as proporções com os colegas, não deixaram de transparecer uma certa admiração por todas as peças do puzzle se *encaixarem* (o que demonstrava que não acreditavam conseguir ampliar na escala correta). Outros dos problemas, que observaram ser necessário corrigir caso existisse mais tempo, seria uniformizar o contraste dos vários desenhos. Acabei por contrariar um pouco essa opinião, uma vez que preferi referir que embora algumas representações carecessem de maior contraste, cada pessoa tem o seu estilo próprio e não devemos tentar imitar mas sim encontrar o nosso. Os alunos ficaram decididamente satisfeitos e orgulhosos com os resultados alcançados. Também a avaliação executada o transpareceu, uma vez que apenas um aluno teve resultado final negativo, com base nos seguintes critérios de avaliação de competências e saberes (cfr. Apêndice D):

- 1) Executa esboços preliminares através de experimentação;
- 2) Apresenta a ampliação na escala correta evidenciando evolução;
- 3) Rigor na representação da profundidade e extensão;
- 4) Reflexão e sentido crítico.

Penso que, no geral, este foi um exercício positivo para iniciar a prática letiva e que abriu caminho aos temas seguintes, similarmente, também foi importante tirar notas em relação aos ritmos de trabalhos dos alunos, o que ajudou nas planificações e preparação das aulas seguintes.

Composição Visual: O Poder da Imagem

O desenvolvimento da unidade didática, a criação de uma nova imagem

Como ponto prévio, para a justificação desta temática, recorro ao pensamento de Paul Duncum (2010), afirmando que não se deve ter medo de utilizar todo o tipo de imagens nas aulas, tendo sempre em consciência que, ao fazê-lo, estamos a lidar com a nossa própria cultura visual (p. 7). Achei que seria essencial despertar os alunos para o poder da imagem, e, para tal, nada melhor que serem eles os criadores duma nova imagem (composição visual). Aspeto fundamental nos dias que correm, uma vez que *“todas as imagens são ideológicas, no sentido de que a imagem surge de uma matriz de ideias concorrentes, valores e crenças e é sempre feita com um propósito. Algumas ideologias comuns têm a ver com sexo, raça e classe”* (Duncum, 2010, p. 9).

Durante este módulo de duas aulas, lecionadas por mim, planifiquei (cfr. Apêndice A) o desenvolvimento de três experiências educativas distintas: participação numa atividade demonstrativa sobre o poder que as imagens exercem sobre o ser humano; criação de uma composição visual recorrendo a fontes gráficas diversificadas (revistas, jornais, cartazes, panfletos, fotografias, etc.); uma atividade de debate e reflexão sobre os trabalhos realizados, com especial incisão sobre as problemáticas individuais abordadas por cada aluno.

Para iniciar a atividade mostrei um desenho realizado por mim (Figura 43), e pedi que os alunos registassem os seus sentimentos ao observá-lo.



43 Desenho em grafite “Vou sem mim” (2012), de Ricardo Braga Silva

Passados alguns segundos, pedi que todos lessem em voz alta os sentimentos que escreveram e aconteceu (tal como esperado) uma repetição de expressões: “medo”, “solidão”, “angustia”. Através desta atividade, foi possível demonstrar que uma imagem tem um significado comum, num mesmo contexto e numa mesma cultura. Daí advém grande parte do poder da publicidade atualmente. “(...) *A imagem publicitária transmite ao espectador-comprador a sensação de que, se adquirir esse produto, verá a sua imagem reforçada e invejável; e, através da provocação de admiração dos outros, sentir-se-á com maior auto-estima ou um ego reforçado* (Berger, 1996 citado por Duncum, 2010)”.

Posteriormente foi realizada uma apresentação com o objetivo de promover a interatividade e discussão. A apresentação “*Composição Visual: O Poder da Imagem*” (cfr. Apêndice B) é maioritariamente de cariz visual, introduzindo, com bastantes exemplos visuais, algumas regras que considere fundamentais sobre a composição de imagem:

- 1) Simetria & Assimetria - Equilíbrio vs Desequilíbrio, Harmonia & Tensão;
- 2) Regra dos Terços – Dividir a imagem em 9 partes;
- 3) Linhas - A convergência das linhas;
- 4) Moldura - Quando o espetador sente que entra na obra;
- 5) Simplicidade - O espaço vazio que direciona o olhar;
- 6) Composição Triangular - A regra do número ímpar.

Foi aplicada uma estratégia, que pensei poder ser facilitadora da aprendizagem (o que se veio a verificar). Esta estratégia passou por entregar uma ficha, apenas com as mesmas imagens da apresentação mas sem as 6 regras deliberadamente escritas como é habitual, o que provocou uma certa surpresa nos alunos. Pedi que durante a apresentação, em jeito de jogo, quando vissem as imagens, tomassem as próprias notas sobre o nome da regra de composição visual em questão. Este método permitiu que os alunos anotassem os conceitos de forma personalizada, facilitando a compreensão e a atribuição de uma utilidade futura à ficha informativa da qual, passaram a ser *coautores*. Isto também aconteceu porque durante a pesquisa que fiz sobre o tema, concluí que os investigadores desta área variam bastante na nomenclatura aplicada, daí não querer *prender* os alunos a conceitos irrevogáveis.

Foram também incluídas na apresentação várias obras exemplificativas do tipo de trabalho que os alunos teriam que desenvolver em seguida.



44,45 Exemplos de composições visuais mostradas aos alunos: “Just what is it that makes today's homes so different, so appealing?” (1956) de *Richard Hamilton* e “Composition Control” (2011) de *Ricardo Braga Silva* e *Filipe Araújo*

Durante a prossecução deste módulo de duas aulas, a maior parte do tempo, foi assim dedicada à execução de uma composição visual, em que fossem aplicadas, pelo menos umas das regras transmitidas. Durante o trabalho referi que a composição é a essência da comunicação visual. Trata-se basicamente de um conjunto de regras para organizar os elementos visuais em mensagens que alcancem os seus objetivos comunicativos, que agradem a um determinado público e que o emocionem. De forma a evidenciar ainda mais esta mensagem, seleccionei um vídeo³ sobre o poder da imagem, que foi observado atentamente pelos alunos, em que o Designer Gráfico, Chip Kidd relata o processo de criação e propagação do seu logotipo do Jurassic Park, tornando-se universal e perpétuo no tempo.

A extrema dificuldade que alguns alunos sentiram na escolha do tema a abordar, foi um dos principais impedimentos ocorridos durante o desenvolvimento do trabalho. Todavia, foi sendo ultrapassado gradualmente caso a caso, com a pesquisa intensiva que foi feita pelas várias revistas, jornais, catálogos e folhetos disponibilizados aos alunos.

³Orador numa conferência Ted Talks: Kidd, C. (2012) Designing books is no laughing matter. OK, it is. [Vídeo] Disponível em: http://www.ted.com/talks/chip_kidd_designing_books_is_no_laughing_matter_ok_it_is.html



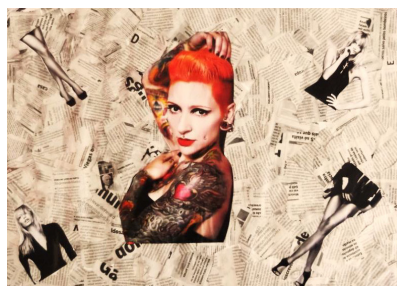
46,47,48,49

Alunos durante o exercício de criação de uma nova composição visual

Observei com agrado, que os níveis de autonomia e velocidade de execução foram aumentando gradualmente com o decorrer da atividade. Sentiu-se que os alunos atravessaram na globalidade vários estados anímicos, passando de uma inicial apatia, para um estado de fluxo criativo que permitiu concluir praticamente todas as composições visuais dentro do prazo limite. Alguns deles também sentiram dificuldades técnicas pontuais e, refira-se, naturais, com a utilização de tintas e outros materiais de colagem. Embora tivesse aberto a possibilidade de incluírem desenhos, todos optaram por utilizar unicamente recortes e tintas. Um dos principais aspetos, ao qual dei especial atenção, passou por, através de conversas individualizadas, debater sobre a *mensagem* que se estava a tentar passar com a nova composição visual. Era igualmente importante aliar, à harmonia da composição visual, uma forte mensagem (explícita ou implícita). Era então expectável alcançar a *“criação da forma expressiva em que se representa não o que se vê, mas o que se sente através dos elementos estruturais da linguagem plástica e a que o público*

reage diferentemente, dependendo do seu background, pois todas as formas possuem propriedades fisiognomónicas, qualidades que expressam ou evocam sentimentos ou emoções (...)" (Charréu, 2012, p. 9).

Por fim, conforme planificado, foi proporcionada uma atividade de debate e reflexão sobre os trabalhos realizados (cfr. Apêndice C), com especial incisão sobre as problemáticas individuais abordadas por cada aluno. O grupo reuniu-se numa mesa central e expôs as suas obras, dando assim origem a um momento estimulante de reflexão e de descoberta do *outro*, através da sua criação. Para melhor documentar este momento decidi fazer um registo em vídeo, sendo dessa forma possível agora recuperar algumas palavras dos alunos.



50,51,52,53

Exemplos de composições visuais desenvolvidas pelos alunos (cfr. Apêndice C)

“Assim que vi na apresentação a composição triangular surgiu-me logo na cabeça a imagem da capa do álbum dos Queen e fi-la!” (Miguel)

“Tentei utilizar a regra das linhas e penso que consegui. Seguimos as linhas com o nosso olhar mesmo sem querer.” (José)

“Usei duas regras, a simplicidade foi a principal mas depois também usei a simetria. O papel do jornal representa o mundo que ainda é um tabu, um mundo cheio de pessoas que pensam a preto e branco e depois mostrei a diferença com esta jovem que aqui está, com muitas tatuagens e alguns piercings (...).” (Margarida)

Terminado este momento educativo, que decorreu durante dois blocos de 135 minutos, chegou a ocasião de passar um olhar sobre as avaliações de competências e saberes (cfr. Apêndice D) realizadas aos trabalhos dos alunos. Conforme os critérios estipulados na planificação inicial, apenas um aluno registou nota negativa (8 em 20 valores) e, no polo oposto, três alunos obtiveram classificações de 17, 18 e 19, respetivamente. Foi pois, uma avaliação positiva que transpareceu a qualidade dos trabalhos apresentados, assim como a capacidade de defesa dos mesmos. A maioria dos alunos, também demonstrou saber aplicar as regras de composição visual, apresentadas inicialmente (avaliado no critério CA2) o que transpareceu uma aprendizagem significativa, segundo Ausubel (Pelizzari, Kriegl, Baron, Finck, & Dorocinski, 2002). Os alunos partiram dos conhecimentos prévios do seu quotidiano (através de imagens comuns), assimilando gradualmente as regras que influenciam a perceção humana e que estão implícitas em qualquer registo visual.

Tendo sido este o modulo da UD *Estremoz (re)persptivar* inteiramente lecionado por mim, penso que seja o momento conveniente para realizar uma reflexão sustentada tanto pelo questionário preenchido pelos alunos (cfr. Apêndice G), como através das opiniões e conselhos facultados pelo Professor Domingos Isabelinho no final de cada uma das aulas realizadas.

Em relação ao interesse do tema abordado, a grande maioria alunos respondeu ser da máxima importância, assim como a qualidade da apresentação exibida e os respetivos exemplos

artísticos utilizados. Mais de 50% dos alunos também consideraram que as minhas intervenções foram bastante explícitas e os aconselhamentos práticos foram uteis para o desenvolvimento dos seus trabalhos. Precisamente a esse respeito, a totalidade considerou que o trabalho foi da máxima importância e frisaram a sua *utilidade para o futuro*. No campo do comentário livre destacam-se algumas opiniões:

“Foram muito positivas estas aulas, gostei particularmente da aula sobre a composição visual”;

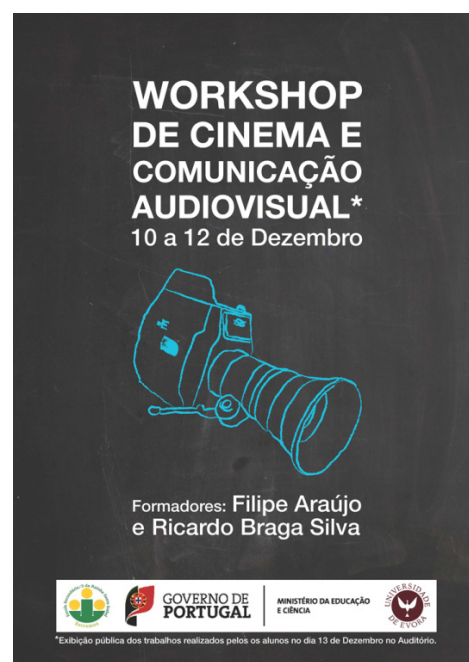
“(...) gostei imenso de trabalhar com este tipo de materiais e fiquei com ideias para o futuro”;

“Estas atividades ajudaram-nos a conhecer novas formas de trabalhar.”

Estes foram juízos que me deixaram bastante satisfeito, contudo, penso que seja preciso saber contextualizá-los. Importa referir que trabalhar apenas com um turno, facilitou bastante, devido ao número reduzido de alunos. De igual forma, existiram várias situações menos positivas que passaram quase sempre pela existência de alguns comportamentos menos corretos da parte de alguns alunos e que eu não consegui prontamente intervir. Uma vez por distração (já que estava a dar apoio individual a outros alunos), outras vezes por não ter tomado a consciência da sua relativa gravidade. Estas situações foram (muito bem) assinaladas pelo Professor Domingos Isabelinho e ajudaram-me a estar mais atento a esses aspetos concretos, nas aulas posteriores.

Workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual

Na última semana de aulas do primeiro período, realizámos, com o apoio importante do colega Ivan Gouveia, a atividade final de Prática de Ensino Supervisionada em Estremoz e, com ela, terminámos o trabalho desenvolvido na ESRSI. Tratou-se da dinamização de um workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual, que teve um papel fundamental para a concretização da unidade didática: *Estremoz (re)perspetivar*. O workshop aconteceu nos dias 10, 11 e 12 de Dezembro de 2012 e teve a duração total de aproximadamente 20 horas.



54 Cartaz do workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual

Após a autorização da coordenadora do Departamento de Expressões (Professora Ana Mateus) fizemos a divulgação desta atividade afixando alguns cartazes em espaços estratégicos da escola. O workshop foi também incluído no Plano Anual de Atividades (cfr. Anexo 5), na calendarização das atividades específicas para a concretização do projeto educativo do ano letivo 2012/2013.

Esta atividade destinou-se particularmente à turma 10^ºF mas foi também alargada a participação aos alunos da turma 12^ºE e a membros do Clube das Artes que manifestaram interesse em participar. De acordo com a planificação (cfr. Apêndice F), a atividade teve como principais objetivos: compreender possibilidades de utilização do cinema enquanto forma de

comunicação em contexto escolar; compreender a importância das possibilidades de aprendizagem em sala de aula através do som e da imagem; identificar potenciais utilizações do cinema na escola enquanto linguagem transversal às diferentes disciplinas; partilhar experiências e desenvolvimento do sentido crítico enquanto equipa de trabalho.

Todo o trabalho desenvolvido pelos alunos durante os três dias do workshop, teve a sua face visível na concretização de um produto audiovisual, mais especificamente de uma curta-metragem do género documentário.

Algumas aprendizagens iniciais que estabelecemos como obrigatórias, passaram pela transmissão de noções de pré-produção de um objeto audiovisual (ideia, guião e storyboard), o manuseamento de material técnico (câmaras de filmar, tripés, microfones), a realização e a importância do trabalho em equipa e, finalmente, noções de montagem (software de edição, pós-produção áudio e vídeo).



55,56

Aprendizagens iniciais de manuseamento de equipamentos audiovisuais

O primeiro dia foi iniciado com uma componente teórica, com o objetivo de introduzir a temática do cinema, mostrando alguns exemplos relevantes ao longo da sua história. Foram apresentados diversos excertos de filmes, curtas-metragens, videoclips, animações, making of's, etc. Aos poucos, os conhecimentos teóricos foram sendo aplicados à prática, como é ilustrado nas imagens antecedentes, onde os alunos ensaiam a variação da escala de planos⁴. Nesta primeira etapa, foram bastante úteis os recursos educativos presentes no website

⁴ Na imagem do lado esquerdo os alunos executam um *grande plano* do rosto e na imagem da direita é filmado um *plano de pormenor* ou *insert* de um recipiente com aguarelas enquanto era vertido.

*Ensinar Cinema*⁵, descrito na PARTE I deste relatório de PES. Ainda no primeiro dia da atividade, foi realizado em conjunto um *brainstorming* com o objetivo de identificar os locais da cidade de Estremoz mais apreciados pelos alunos. O desafio para os próximos dois dias era, através do desenho, dar a conhecer esses locais em filme⁶.

Neste momento foi bastante agradável verificar que existiu uma espécie de união inesperada entre os alunos do 10º e do 12º ano, que até então haviam estado em grupos nitidamente separados. Quando se aperceberam que partilhavam vários gostos idênticos, criou-se uma espécie de espírito de entreatajuda e cooperação que, na minha opinião, foi determinante para os resultados finais alcançados.



57,58,59,60

Grupos a desenvolver o trabalho e técnicas utilizadas

No segundo dia, conforme os trabalhos iam prosseguindo, melhor as técnicas de produção audiovisual eram assimiladas e aplicadas pelos alunos, o que permitiu acompanhar mais pormenorizadamente o desenvolvimento dos trabalhos plásticos, com especial incidência no

⁵ Website disponível no seguinte endereço: <http://ensinarcinema.weebly.com>.

⁶ Nesta fase, o filme foi descrito como sendo um *making of*. Os alunos deveriam captar os colegas em pleno ato da sua criação artística. Essas filmagens foram precisamente a base do documentário posteriormente realizado.

desenho. Existiu uma grande diversidade de materiais atuantes (café, vioclene, tinta da china, sanguínea, aguarelas, etc.), materiais riscadores (ramos de árvore, os próprios dedos, etc.) e suportes utilizados (papeis de diferentes gramagens e vidro).



61,62,63,64,65,66,67,68

Trabalhos plásticos realizados pelos alunos durante o workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual

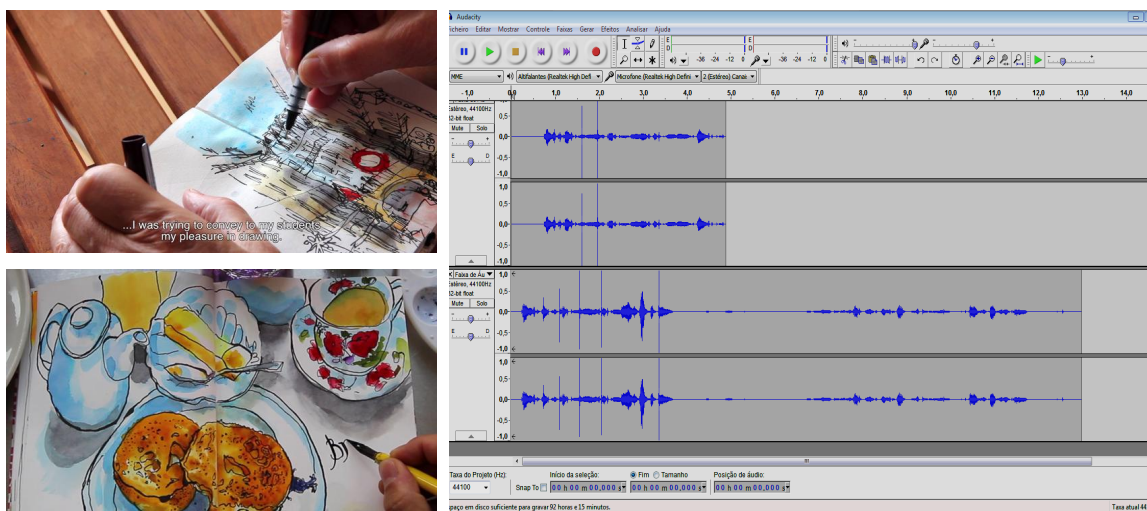
De forma a incentivar os alunos, foram exibidos ao longo das várias sessões alguns filmes de artistas que utilizam apaixonadamente o desenho no seu dia-a-dia. Um dos que despertou maior interesse, foi o documentário de Eduardo Salavisa intitulado “Um desenhador do quotidiano”⁷,

⁷ Disponível online no seguinte endereço: <https://vimeo.com/40228552>.

onde o artista demonstra as potencialidades dos seus cadernos de desenho ou diários gráficos, ao mesmo tempo que exemplifica o seu estilo de traço acelerado e pintura em aguarela. Outro dos filmes exibidos, igualmente observado com bastante reparo pelos alunos, foi "The Art of Breakfast"⁸ do artista inglês Danny Gregory, onde o desenha e ilustra o seu pequeno-almoço, com uma técnica mista bastante criativa e inspiradora.

No terceiro e último dia do workshop, depois de finalizados os trabalhos, foram efetuadas as gravações áudio das narrações (através de uma entrevista individual a cada aluno⁹) e da música que compôs a banda sonora do documentário (também ela executada por um aluno).

Esta última etapa foi assim dedicada à montagem do documentário, que teve como única incerteza a ordem pela qual os alunos apareceriam enquanto personagens do filme, algo que afinal de contas não tem assim tanta relevância, como sublinham Guido Aristarco & Teresa Aristarco (1990) acerca do tipo de montagem, referindo que "(...) a realidade dada no écran é reconduzida automaticamente à convenção estratificada do real; logo, nunca é posto em discussão o seu significado simbólico, na sua ordem do discurso" (p. 161).



69,70,71

Fotogramas dos filmes de artistas exibidos e software gratuito de gravação de som (Audacity)

⁸ Disponível online no seguinte endereço: <https://vimeo.com/26850647>.

⁹ A cada aluno foram colocadas duas questões diretas: 1) Qual o local de Estremoz que decidiu desenhar; 2) O que mais gostou de aprender/fazer durante o workshop. Esta recolha sonora foi encarada como a própria avaliação da atividade por parte dos alunos, ao mesmo tempo que serviu como narração ao próprio documentário.

No que concerne à avaliação da atividade, embora não tivesse sido executada nenhuma avaliação quantitativa oficial do desempenho de cada aluno individualmente, foram registados pelo método de observação alguns aspetos fundamentais como o empenho, trabalho de equipa, respeito pelo grupo, autonomia, motivação, compreensão e execução das diferentes tarefas.

Pretendemos, acima de tudo, despertar os alunos para a utilização dos meios audiovisuais em contexto escolar e que, por eles próprios, conseguissem perceber os reais benefícios da sua aplicação. Neste caso, optámos por aliar os meios audiovisuais ao desenho, invocando a cidade de Estremoz como mote, o que funcionou na perfeição.

Fazendo uma breve reflexão conclusiva desta atividade, e antes de falar da divulgação do documentário à comunidade (como farei no ponto subsequente), concordo que o cinema, uma linguagem eminentemente coletiva, pode encontrar, no ambiente escolar, um espaço extremamente vantajoso de experimentação e criação (Assis, 2009, p. 8). Foi possível perceber que muitos dos alunos participantes detêm já os seus equipamentos próprios de captação de som e imagem e, muitos deles, fizeram questão de os levar para serem utilizados durante o workshop. Esses equipamentos tecnológicos, como câmaras de filmar, máquinas fotográficas e computadores portáteis, vão ficando mais baratos e acessíveis, o que favorece a realização deste tipo de atividades (Fantin, 2007, p. 7).

Em conversa com o Professor cooperante Domingos Isabelinho, este, identifica um dos principais problemas resultantes da utilização dos meios audiovisuais: *“(..) os alunos estão habituados a utilizar os meios audiovisuais para fins lúdicos - isso faz com que estejam habituados a uma superficialidade e a uma rapidez de consumo de conteúdos”*. Por outro lado, ainda segundo o professor, existem vantagens evidentes. Ainda recorrendo às palavras do Professor Domingos Isabelinho, *“os alunos hoje em dia estão como que mergulhados em meios eletrónicos: telemóveis, televisão, cinema, internet. Isso faz com que tenham uma adesão imediata aos meios audiovisuais”*.

Este workshop teve a capacidade de promover essa passagem. Os alunos deixaram de ser meros consumidores, ainda que momentaneamente, e passaram para o papel de produtores/realizadores. Quem sabe, essa alteração, não mude a sua forma de ver os audiovisuais, para algo mais sério e profícuo que os auxilie num futuro próximo.

2.6 Participação na Escola

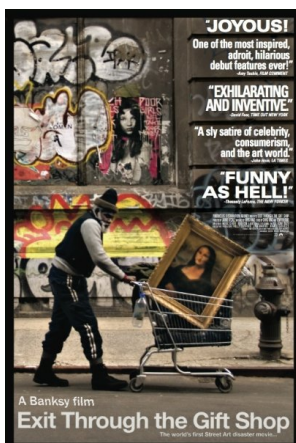
No dia 13 de dezembro de 2012, realizou-se a divulgação do documentário “*Estremoz (re)perspetivar*” a toda a comunidade escolar. A sessão teve cerca de 2 horas de duração e aconteceu no Auditório da ESRSI, que conta com excelentes condições a nível de espaço e equipamentos. Usufrui de uma ótima acessibilidade, 128 lugares para o público e condições de isolamento sonoro adequadas. De igual forma, também o equipamento de projeção de vídeo e som são ideais para o espaço em questão. Além do material ser todo novo, o que por si só dá certas garantias de qualidade, foi com agrado que verifiquei que todo ele tinha sido muito bem selecionado. A existência de diversos tipos de microfones, púlpito para oradores e mesa de mistura digital/analógica, concede a este auditório uma enorme versatilidade. É perfeitamente possível, por exemplo, realizar uma sessão cinematográfica e de seguida uma conferência, sem que nada tenha que ser alterado a nível técnico.

Para esta sessão, foram então convidados todos os alunos e professores, em especial os diretamente ligados às Artes Visuais. Todos os alunos que participaram no workshop de Cinema e Comunicação Audiovisual, fizeram questão de estar presentes, para poderem conhecer o resultado final dos três dias de trabalho antecedente.

Foi com grande expectativa que o público presente assistiu ao primeiro visionamento do documentário¹⁰ (cfr. Apêndice F), que tem cerca de 10 minutos de duração. Tal como delineado na planificação do workshop, esta última fase foi pensada como um momento de reflexão sobre o trabalho realizado. O mais importante foi o diálogo e a troca de pontos de vista entre os participantes e o público em geral, o que permitiu obter um olhar crítico mais abrangente. Todo o processo de criação artística só é consumado aquando da sua divulgação e para que isto fosse compreendido pelos alunos, nada melhor que pôr em prática este momento único. Assim, durante o visionamento, registaram-se algumas manifestações de sentimentos dos alunos participantes no workshop. Esses sentimentos variaram consoante os diferentes momentos da curta-metragem. Enquanto alguns alunos se demonstraram algo inquietos e nervosos, outros expressavam uma clara satisfação e felicidade por verem os seus trabalhos retratados na tela, acompanhados pelas suas vozes, que emprestaram ao filme, enquanto narradores ativos. Os

¹⁰ Posteriormente foi disponibilizado online no seguinte endereço: <https://vimeo.com/55555657>.

créditos finais do documentário foram acompanhados de um forte aplauso que evidenciou a sua total aprovação, por parte do público presente. De seguida, todos os alunos (agora realizadores!) foram receber e assinar o seu diploma, certificando a participação no evento.



72,73,74

Divulgação do documentário à comunidade, entrega de diplomas aos alunos e capa do filme exibido

Para finalizar a sessão, foi exibido o documentário do mítico artista de rua Banksy, denominado "Exit Through the Gift Shop" (2010), que traça a história de um movimento, a *street culture*. O documentário segue vários artistas, alguns dos quais considerados hoje estrelas, entre os quais figura o próprio Banksy, que apesar do anonimato, é um dos mais famosos artistas britânicos, ao mesmo tempo que perspetiva o valor da arte e o que é ou não considerado autêntico hoje em dia. Foi claramente o final ideal, um final, que tal como o próprio Banksy, encorajou todos a fazer arte.

3 - PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NA ESCOLA BÁSICA E SECUNDÁRIA CUNHA RIVARA EM ARRAIOLOS

A segunda parte da PES aconteceu na vila de Arraiolos, na Escola Básica e Secundária Cunha Rivara. Esta fase teve início no dia 9 de Janeiro de 2013 e terminou apenas no dia 10 de Maio de 2013, uma vez que a escola esteve encerrada durante quase todo o mês de Março, devido à existência de alguns casos de intoxicações. Este grave problema, que constituiu naturalmente um entrave à calendarização inicial das atividades, foi entretanto ultrapassado, permitindo que a prática de ensino pudesse ser concluída atempadamente. Também foi definido, pelo Professor cooperante Luís Silva, que nesta segunda experiência da PES, eu e o colega do mesmo núcleo de estágio, iríamos trabalhar com turmas separadas.

O Professor Luís Silva, que tem a seu cargo diversas turmas de 7º, 8º e 9º ano, leciona a disciplina de Educação Visual. Foi precisamente de uma sugestão inicial da parte do professor, que nasceu a ideia que fundamentou a unidade didática desenvolvida e apelidada *Arraiolos (in)formar*. Tendo por base, mais uma vez, o meu tema de investigação, esta UD está diretamente relacionada com a prática do *making of*, uma vez que se tratou de um trabalho rico em registos fotográficos, vídeos, textos e animações. O objetivo (ambicioso) foi a criação de uma publicação digital interativa, que pudesse ser acedida em qualquer parte do mundo, através da internet. Mais que um simples processo de ensino, tratou-se da constituição de novos conhecimentos, valores e atitudes (Pires, 2009, p. 11), de forma a permitir que as ferramentas tecnológicas fossem inteiramente colocadas ao serviço da arte.

Mais ainda que na experiência relatada anteriormente (em Estremoz), desta vez, foi necessária uma vastíssima recolha e análise cultural e iconográfica da vila de Arraiolos, que me permitisse estar capacitado a desenvolver tal projeto em conjunto com os alunos. Foi algo que fiz com bastante entusiasmo e com um acompanhamento constante da parte do Professor Luís Silva, que sempre me incentivou ao longo de todo o processo.

Arraiolos (in)formar foi: a conceção de uma nova forma de comunicar; o revelar de um conjunto de idiosincrasias dos alunos e, por fim, o desfecho de um processo que me fez crescer enquanto pessoa e professor.

3.1 Arraiolos, uma vila onde a tradição é o futuro



75,76,77,78,79

Diversos locais da vila de Arraiolos

Arraiolos é uma vila sede de concelho do distrito de Évora, situada no Alentejo Central, com uma área de 684,08 Km² e com uma população total de 7.363 habitantes¹¹ tendo sofrido um forte declínio (tinha 8.207 habitantes em 1991). A vila é limitada a norte pelos municípios de Mora e Coruche, a este por Estremoz e Sousel, a sul por Évora e a oeste por Montemor-o-Novo.

Este concelho é constituído por 7 freguesias, sendo elas: Arraiolos, Igrejinha, Santa Justa, Sabugueiro, São Gregório, São Pedro da Gafanhoeira e Vimieiro. A economia passa essencialmente pelo vinho, cortiça, turismo, artesanato, indústrias metalúrgica e pecuárias assim como o comércio.

O concelho está situado numa posição geográfica de rara beleza, com extensas áreas de planície, surgindo Arraiolos com um relevo acentuado, que juntando um clima seco e o seu património arquitetónico, artístico e gastronómico lhe confere elevadas potencialidades turísticas.

Relativamente aos seus pontos de interesse, destaca-se o Castelo de Arraiolos, sendo um dos únicos castelos circulares do mundo, a Igreja Matriz e a Igreja da Misericórdia de Arraiolos, o Convento de Nossa Senhora da Assunção, a Anta e o Pelourinho de Arraiolos bem como todo o

¹¹ Resultados obtidos nos dados disponíveis dos Censos 2011, através do portal oficial do Instituto Nacional de Estatística: <http://censos.ine.pt>.

seu centro histórico, o Palácio dos Condes do Vimieiro, a Igreja Matriz do Vimieiro, o Templo Romano em Santana do Campo, a Fonte dos Almocreves (ou Fonte da Pedra), a Casa da Malaposta, a Igreja da Nossa Senhora da Consolação na Igrejinha e a Igreja Matriz do Vimieiro. Em termos paisagísticos é de referir a Albufeira do Divor e a zona de Vale de Paio.

Existem por este concelho várias áreas de lazer e de contemplação da natureza como os jardins públicos da vila, o Parque Urbano do Vimieiro, a Ecopista de Arraiolos-Évora, a Barragem do Divor e vários percursos pedestres como o “Entre Pontos e Colinas” e os Trilhos do Rio Divor na Aldeia da Serra.

Mas este é o concelho do artesanato, sendo de destacar os Tapetes de Arraiolos (candidatos a Património da Humanidade) bem como os artigos em barro e cortiça, devido à existência de uma grande área de montado no concelho.

Também a gastronomia é um dos fatores de interesse desta zona, sendo os Pastéis de Toucinho uma das marcas a par das empadas. Os pratos de porco, borrego, vitela, as sopas alentejanas, as açordas e as migas são parte da riqueza desta localidade e são geralmente divulgados em atividades sazonais na vila de Arraiolos.

É um concelho onde a cultura, as artes e o desporto estão bem presentes, sendo de destacar as várias associações, ranchos e sociedades que se dedicam à sua dinamização. Existem diversas infraestruturas dedicadas a este efeito como são exemplos o Pavilhão Multiusos de Arraiolos, do Vimieiro, de São Pedro da Gafanhoeira, o Cineteatro, o Centro Cultural e a Biblioteca Municipal de Arraiolos bem como os diferentes clubes ligados ao cicloturismo, ao futebol, à pesca e à orientação, existindo também aqui campos de futebol e polidesportivos em todas as freguesias do concelho.

A solidariedade é outra vertente que se encontra bem vincada, através das diversas associações, núcleos, Santa Casa da Misericórdia e centros paroquiais e sociais presentes no concelho.

Em termos de educação, o grau de escolaridade da população do concelho de Arraiolos confronta-se com dificuldades, tendo uma taxa de analfabetismo elevada. De acordo com os dados referidos no projeto educativo da escola, 41% da população possui apenas o 1º ciclo e 20% não possui qualquer grau de escolaridade. Estes indicadores requerem uma resposta integrada e a aplicação de medidas eficazes para garantir o direito constitucional dos portugueses à educação.

Para colmatar estas dificuldades, existem um pouco por todo o concelho, estabelecimentos de ensino agregados ao agrupamento de Escolas de Arraiolos.

Os Jardins de Infância estão presentes em Arraiolos, na Igreja, em São Pedro da Gafanhoeira e no Sabugueiro. As escolas do 1º ciclo distribuem-se por Arraiolos, Igreja, Ilhas, S. Pedro da Gafanhoeira, Sabugueiro e Vimieiro, sendo que, existem por todas elas, atividades de enriquecimento curricular promovidas através das parcerias com a Câmara Municipal de Arraiolos, a Associação Unidos de Santana, a Santa Casa da Misericórdia de Arraiolos, a Associação Casa das Artes, e a Associação "Monte", Apoio ao Estudo, Ensino do Inglês, Ensino da Música, Atividade Física e Desportiva, o Clube das Ciências, Expressão dramática exceto em Ilhas, Expressão plástica exceto em Ilhas, Sabugueiro e Igreja. Informática apenas não existe em S. Pedro da Gafanhoeira e Igreja.

O Ensino dos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico e o Ensino Secundário é realizado na escola Cunha Rivara em Arraiolos, estando anexas no edifício, a escola do 1º ciclo de Arraiolos.

3.2 A Escola Básica e Secundária Cunha Rivara

A Escola Básica e Secundária Cunha Rivara (EBSCR), em Arraiolos, foi o segundo local de desenvolvimento da minha PES. A imponência do novo edifício impressiona, tanto observado exteriormente, como explorando as diferentes áreas interiores.



80,81,82,83,84

Diversos espaços da Escola Básica e Secundária Cunha Rivara

A EBSCR situa-se na vila de Arraiolos, na colina do Castelo. Foi fundada em 1979 com posteriores alterações e foi remodelada profundamente durante o ano letivo passado até ao início do presente ano letivo ao abrigo do programa de requalificação “Parque Escolar”. Trata-se atualmente de um complexo escolar inteiramente novo, com uma área total de 10.500m².

A escola é composta por um edifício único para os 2^o, 3^o ciclos e secundário com um pavilhão gimnodesportivo anexo. O edifício central possui três pisos, sendo que no piso -1 situam-se as salas de Ciências e Tecnologia (6 para as Ciências e 5 para TIC) bem como a Sala de Primeiros Socorros. No piso 0 encontra-se a Área Administrativa, o Centro Novas Oportunidades, a Sala Polivalente, Oficina de Teatro, Sala de Música, o Clube de Fotografia, os Espaços de Convívio com a Reprografia e Papelaria, Refeitório e Cafetaria, um espaço amplo coberto para alunos e outro descoberto. O piso 1 é constituído pelas Salas de Aulas (28), as Salas de Artes (6), três Áreas de Docentes como a Sala de Pausa, a Sala de Trabalho e a Sala de Reuniões, uma

Biblioteca e uma Sala Polivalente. As instalações sanitárias e as instalações de apoio ao pessoal não docente encontram-se distribuídas ao longo dos três pisos.

Os documentos que estruturam as Instituições Escolares são diversos, constituindo-se como instrumentos legalmente consagrados da autonomia escolar, enquanto orientador das práticas educativas e da sua monitorização. Destaque especial para o Projeto Educativo de Agrupamento 2009/2013 (cfr. Anexo 10). Elaborar um projeto educativo, numa sociedade em constante modificação ao nível, social económico e político, implica o desenvolvimento de quatro pilares básicos: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser (Delors, 1996, p. 77).

Os desafios a que este Projeto Educativo se propõe são o de incrementar práticas pedagógicas novas, lançando novos desafios ao meio, estabelecendo pontes com as universidades, empresas e instituições locais e regionais que potenciem novas aprendizagens. Desafio é também o de chamar a população mais idosa ao Agrupamento, valorizando as suas vivências e percursos informais bem como avaliar e repensar estratégias tendo em vista a evolução contínua.

No sentido de otimizar respostas a estes desafios e atendendo à autoavaliação do Agrupamento, elegeram-se sumariamente os seguintes objetivos: a articulação pedagógica entre os diferentes níveis de escolaridade; educação para a igualdade; política disciplinar comum ao agrupamento e de natureza preventiva; interligação entre as escolas do agrupamento e participação dos encarregados de educação na vida do agrupamento.

Para atingir os objetivos propostos, o agrupamento possui uma oferta formativa bastante completa, através do regime diurno com a Educação pré-escolar; Ensino Básico do 1º ciclo; Ensino Básico do 2º e 3º ciclos; Cursos de Educação e Formação; Ensino Secundário do 10º ao 12º Ano de Escolaridade (Ciências, Tecnologias e Línguas e Humanidades); Cursos Profissionais e Educação Especial / Apoio Educativo (no 1º Ciclo) / Intervenção Precoce. No regime noturno a oferta abrange o Centro Novas Oportunidades; Acolhimento, Diagnóstico e Encaminhamento; Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências; Formação Complementar; Cursos de Educação e Formação de Adultos; Cursos Técnicos: Higiene e Segurança no Trabalho, Ação Educativa, Informática, Vendas e Instalações Elétricas (Nível Secundário de dupla Certificação) e Escolares (Nível Básico - B1,B3 e Nível Secundário).

O Agrupamento disponibiliza também aulas de recuperação, no caso das disciplinas com maior insucesso educativo. Como componente de enriquecimento curricular, a escola oferece diversas possibilidades que se revelam naturalmente no Plano Anual de Atividades e este reflete igualmente as relações estreitas de parceria e cooperação, quer a nível informal como formal com as diversas instituições da comunidade.

Desde o ano letivo 2010/2011, o Agrupamento disponibiliza o Jornal da Escola, denominado "ArrRivar", em versão digital. Sendo o jornal lançado semestralmente, vai na 6ª edição que é possível aceder pela internet através do website do Agrupamento¹². Fazendo uma breve análise, é possível verificar que a publicação é bastante versátil a nível de conteúdos, isto é, percebe-se que os temas vão variando consoante os projetos e as atividades que vão sendo desenvolvidas ao longo do ano letivo. Nas duas edições do presente ano, foram referidos diversos eventos realizados a nível do Pré-Escolar e 1º Ciclo, o *Projeto Comenius*, diversas ações promovidas pela Biblioteca e ainda outros eventos pontuais como atividades desportivas e visitas de estudo realizadas. É, sem dúvida, uma excelente forma de manter informada toda a comunidade escolar.

A prática letiva do 9º ano decorreu no piso 1, nas salas EDV01 e TIC02. A possibilidade de alternar entre as duas salas, consoante as necessidades do trabalho a desenvolver, foi um aspeto bastante positivo.

A sala de Educação Visual estava equipada com mesas individuais, bancos rotativos, quadro branco, bancada com armário para arrumação de material e zona de lavagem. Notou-se, aquando da realização de trabalhos plásticos que requerem mais espaço, que a sala se tornou algo limitada. Também a disposição da secretária destinada ao professor não é a mais indicada nos momentos expositivos das aulas, havendo uma necessidade constante de procurar chegar aos alunos colocados na ala mais distante. Contudo, existem alguns pontos favoráveis que são incontornáveis. A sala usufrui de uma magnífica iluminação, graças às grandes janelas laterais, que proporcionam, em simultâneo, uma excelente vista panorâmica sobre o horizonte. É um ambiente muito propício ao desenvolvimento da disciplina de Educação Visual, que apela à criatividade através da serenidade transmitida pela paisagem natural.

¹² Website do Agrupamento de Escola de Arraiolos disponível em: <http://aearraiolos.drealentejo.pt>.



85,86,87 Sala EDV01

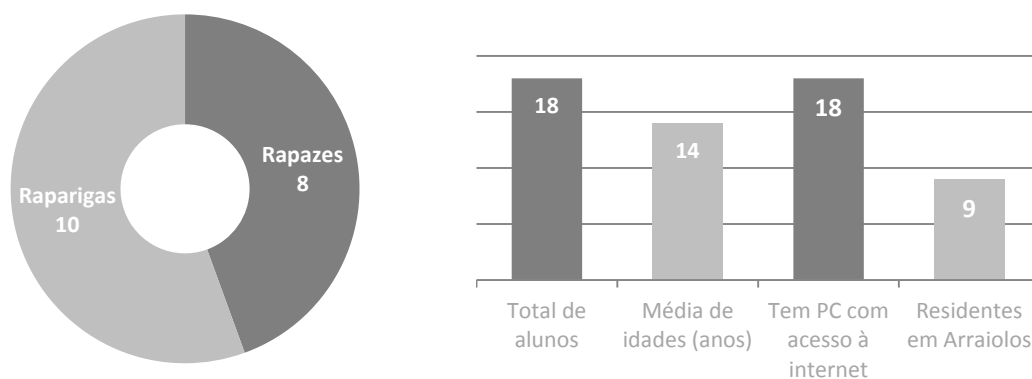
A sala de TIC02 estava equipada com 14 computadores (todos eles em perfeitas condições de funcionamento), mesas baixas e cadeiras, um quadro branco, um projetor de vídeo e um *router wireless* que permitia o acesso à internet de maior qualidade nos dispositivos portáteis dentro deste espaço. Para evitar um excesso de luminosidade, ao contrário das restantes salas, esta, estava equipada com estores cortinados especialmente densos, o que favorecia o correto visionamento dos monitores dos computadores e a tela de projeção.



88,89 Sala TIC02

Em relação à disposição física da sala de aula, o posicionamento da secretária do professor é bastante central, o que facilita as atividades maioritariamente expositivas. Igualmente, a tela de projeção, possibilita um correto visionamento por parte dos alunos, a partir de todas as mesas de trabalho. A sala é bastante espaçosa, o que permite ter uma zona central ampla, facilitando os deslocamentos. Este aspeto foi essencial, já que na maior parte das vezes, os trabalhos desenvolvidos exigiam um grande acompanhamento individual grupo a grupo.

3.3 Caracterização dos alunos da turma 9º B



90,91 Gráficos de caracterização dos alunos da turma 9ºB

A turma 9º B tem um total de 18 alunos, contabilizando-se uma maior percentagem de raparigas (56%). A média de idades é de 14 anos e varia, respetivamente, entre os 13 e os 16 anos. A grande maioria dos alunos reside na vila de Arraiolos, porém, alguns deles, habitam noutras freguesias do conselho como Ilhas, Igrejinha e Sabugueiro. A maior parte dos alunos tem a mãe como encarregado de educação, sendo que a maior parte vive com os pais e irmãos. Em relação ao local preferido para estudar, todos elegem o quarto e, de igual forma, todos dispõem de computador com acesso à internet nas suas habitações. Apenas três alunos da turma apresentam retenções em anos transatos. A disciplina que unanimemente representa maiores dificuldades é matemática, sendo também designada, curiosamente, como a disciplina preferida da maioria dos alunos.

Todos estes dados se vieram a comprovar com o decorrer das aulas. Efetivamente trata-se de uma turma bastante aliciante e cordial que demonstra enorme cooperação entre pares e motivação no cumprimento das atividades propostas.

Em determinadas tarefas de maior exigência, foi possível sentir que alguns alunos expressavam uma certa falta de confiança e receio em experimentar. Foi, justamente tentar contrariar esse aspeto o meu primeiro objetivo: conseguir que todos os alunos revelassem de forma mais livre e espontânea a sua criatividade, deixando de lado o tal receio que existia em

arriscar. Este foi, no fundo, o maior obstáculo que identifiquei com as observações iniciais de aulas. Neste nível de ensino (3º ciclo) os alunos ainda necessitam que as tarefas lhes sejam explicadas muito detalhadamente, e, sempre que possível, que essas mesmas explicações sejam acompanhadas de exemplos concretos. O conhecimento inicial dos alunos possibilitou-me estar precavido e ter mais tempo para preparar estratégias que permitissem enfrentar melhor esta situação no decorrer da prática letiva.

Embora não tivesse sido feito nenhum questionário nesse sentido pelo diretor de turma do 9º B, foi possível, durante a prática letiva, ficar a conhecer os gostos pessoais da maioria dos alunos. Muitos deles ocupam os seus tempos livres com a prática de diversas atividades desportivas. Também, a globalidade, tem por hábito navegar na internet sendo a participação em redes sociais muito comum. Na generalidade todos se mostram adeptos das novas tecnologias, algo que foi fundamental para o desenvolvimento da unidade didática.

Ainda a registar, existe o forte envolvimento que alguns membros da turma têm com atividades desportivas escolares, assim como outros projetos que se desenvolvem na escola ao longo do ano.

Também, por ser uma turma de 9º ano, sentiu-se uma certa tensão, no que toca à escolha da futura área científica que terão que fazer dentro de pouco tempo. Fui naturalmente interpelado por alguns alunos com questões desse cariz, uma vez que sempre existiu essa liberdade de diálogo no decorrer das atividades. Mais difícil foi por vezes escolher as palavras certas e aconselhar com convicção, uma vez que o conhecimento que tinha dos alunos era ainda reduzido. Esta é uma dificuldade que considero ser normal, dado o efémero tempo disponível para a realização da PES. De qualquer forma, procurei sempre aumentar o meu leque de informações e conhecimentos dos alunos, tentando assim estar mais preparado para esse tipo de questões.

3.4 Análise do programa da disciplina de Educação Visual

A transversalidade de princípios e valores orientadores de todo o currículo da educação básica assenta num objetivo primordial que passa por dotar os alunos de saberes e competências necessárias à promoção da sua qualidade de vida pessoal e coletiva.

Saliento, nas Competências Gerais do Ensino Básico (cfr. Anexo 12), algumas orientações em que me apoiiei particularmente direcionadas às ações a desenvolver pelo professor:

- a) Rentabilizar as questões emergentes do quotidiano e da vida do aluno;
- b) Desenvolver a realização de projetos que impliquem o uso de diferentes linguagens;
- c) Promover intencionalmente, na sala de aula e fora dela, atividades dirigidas à experimentação de situações pelo aluno e à expressão da sua criatividade.

A Educação Visual no 3º Ciclo faz parte do leque de disciplinas obrigatórias do currículo, como refere o programa: *“Arte como forma de apreender o Mundo permite desenvolver o pensamento crítico e criativo e a sensibilidade, explorar e transmitir novos valores, entender as diferenças culturais e constituir-se como expressão de cada cultura”*.

Procurando no programa uma janela aberta para a exploração pedagógica das novas tecnologias, surgem naturalmente as seguintes alusões:

“O aluno deve ter a possibilidade de experimentar meios expressivos, ligados aos diversos processos tecnológicos – a fotografia, o cinema, o vídeo, o computador, entre outros – por si só ou integrados e ser capaz de os utilizar de forma criativa e funcional. A iniciação na linguagem digital permitirá experimentar o desenho assistido por computador e tratamento de imagem na concretização gráfica. O aluno deve proceder, mediante orientação do professor, a análises formais e críticas e ao desenvolvimento de projetos, tendo como referência imagens, filmes ou produtos gráficos realizados através das diversas tecnologias.”

Foi precisamente nestes contornos que se vieram a desenvolver as atividades na disciplina de Educação Visual com o 9º ano, procurando “(...) uma escola enfocada mais na compreensão do presente do que na exaltação do passado” (Charréu, 2012, p. 7).

3.5 Unidade Didática: Arraiolos (in)formar

“É no interior da oficina de criação, expressão e comunicação gráfica que se destaca a proposta do jornal ou da tipografia escolar, especialmente inspiradora para a mídia-educação.”

MÔNICA FANTIN

in Revista Teias

A eventual falta de credibilidade de informações apresentadas em websites, blogs, redes sociais, etc., é atualmente compreendida e aceite pelo senso comum dos jovens e adolescentes. Indicador importante e positivo, uma vez que é muito fácil serem traídos por informações enganosas ou mensagens duvidosas. Identicamente, no domínio das TIC, associadas às artes, a imagem e o audiovisual assumem um papel fundamental, contudo perigoso. É impensável separá-los da internet e até mesmo dos telemóveis, o principal meio de comunicação e partilha de conteúdos da sociedade atual.

Esta problemática foi essencial na constituição da UD denominada: *Arraiolos (in)formar*. O nome provém da necessidade de *formar* os alunos (para uma correta e positiva utilização das tecnologias que atualmente têm ao seu dispor) e, em paralelo, *informar* o mundo acerca a vila de Arraiolos (recorrendo às capacidades de criação artísticas dos alunos).

Tratou-se, sinteticamente, da exploração das tecnologias para a constituição de novas vias de comunicação. O grande objetivo delineado passou pela criação de uma publicação digital interativa, sendo os alunos da turma 9º B responsáveis pela primeira revista online sobre a vila de Arraiolos.

Em relação aos meios tecnológicos, cada vez mais, um número maior de jovens tem acesso a telemóveis repletos de funcionalidades, muitas delas, vagamente exploradas. Dispositivos eletrónicos que transformam o homem numa comum unidade móvel produtora de informação, de textos, de imagens (Pires, 2010, p. 286). Da mesma forma, as crianças e jovens têm também cada vez mais cedo aptidões para a manipulação e transformação dessas mesmas imagens, pois, o rápido acesso a conhecimentos e ferramentas que lhes permitem essas capacidades é uma realidade.

Embora estes factos sejam indubitáveis, é igualmente verdade que realizar um projeto desta dimensão, num tão curto espaço de tempo e com uma logística tecnológica ainda algo frágil, foi um desafio imenso, que exigiu bastante de todas as partes envolvidas no processo.

Foram então planificadas um conjunto de seis aulas (cfr. Apêndice H) para a total concretização da UD. Como referido anteriormente, foi necessário algum tempo de preparação, de forma a reunir e assegurar um conjunto de condições de trabalho. Em primeiro lugar foi necessário realizar uma exigente pesquisa sobre as possíveis ferramentas online gratuitas. Foi nesta fase que tive a agradável surpresa de encontrar o Joomag¹³, que preenchia todos os requisitos necessários. De seguida, consultei o Posto de Turismo da Câmara Municipal de Arraiolos e recolhi diversas informações acerca do património, espaços verdes, locais da vila, artesanato, etc.

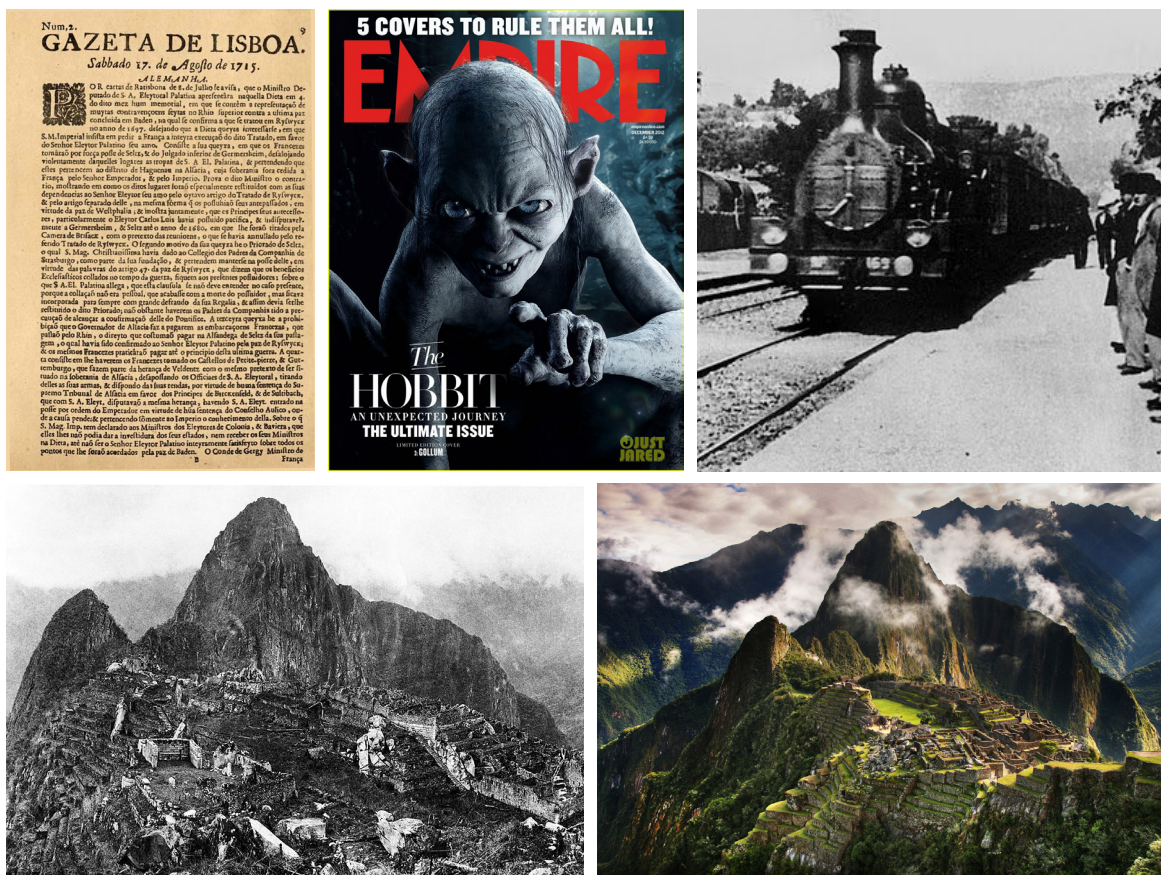
Concebi então uma lista de oito motivos que iriam ser abordados na publicação, pela seguinte ordem:

- 1) Alentejo;
- 2) A vila de Arraiolos;
- 3) A Escola Básica e Secundária Cunha Rivara;
- 4) O Castelo de Arraiolos;
- 5) Ecopista e Antiga Estação Ferroviária;
- 6) Tapetes de Arraiolos;
- 7) Pousada e Convento dos Loios;
- 8) Fonte da Pedra.

Optei assim por agrupar os alunos em díades, proporcionando, mais do que um ensino colaborativo, um ensino cooperativo. A sala de aula convertida numa verdadeira oficina de criação gráfica e estúdio audiovisual, um lugar de aprendizagens e de trabalho (Fantin, 2007, p. 8; Valle, 2011, p. 75).

¹³ É um serviço gratuito para a publicação de revistas digitais interativas e hospedagem. Possui um editor online para a criação de conteúdos, permitindo elaborar revistas, e-books, catálogos, relatórios, folhetos e álbuns fotográfico, e proporciona uma experiência de leitura excepcional aos utilizadores graças ao visualizador online efeitos realistas e ampliação fácil e intuitiva. Disponível no seguinte endereço: <http://www.joomag.com>. Através deste software foi criado uma conta de utilizador para cada grupo de trabalho.

Reunidas então todas as condições, foi iniciada a prossecução da UD *Arraiolos (in)formar*. A primeira aula teve como principal objetivo introduzir o tema. Foi um desafio complexo mas, ao mesmo tempo, bastante aliciante, pois tive a oportunidade de preparar uma apresentação (cfr. Apêndice I) sobre a evolução dos meios de comunicação (tema que sempre me fascinou). A apresentação contemplou assim a evolução dos jornais, revistas, fotografia, cinema e som.



92,93,94,95,96

Capa do primeiro jornal Português “A Gazeta de Lisboa” (1964); Capa atual da revista “Empire” (Dezembro, 2012); Fotografia de filme dos Irmãos Lumière “L’Arrivée d’un train en gare de La Ciotat” (1896); Fotografia de Hiram Bingham (1911) com primeira vista da cidade de Machu Picchu e uma fotografia atual do mesmo local

Os alunos expressaram bastante admiração à medida que iam sendo reveladas as diferenças entre os meios primitivos e os atuais. Onde demonstraram maior espanto, pareceu-me ser aquando da demonstração da evolução dos meios de captação sonoros.

Esta apresentação, rica em exemplos e conteúdos multimédia, concedeu uma maior interatividade e dinâmica no decurso da aula. Foi, sem dúvida, um elemento facilitador das

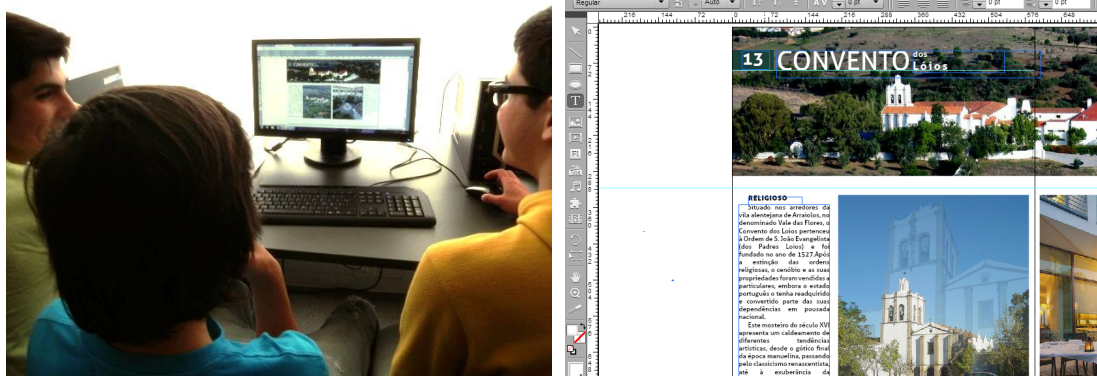
aprendizagens. Como ponto de partida para a atividade de criação de uma publicação digital, os alunos foram desafiados a responder a duas questões:

- 1) Pensas que as tecnologias digitais (fotografias, vídeos, sons, animações, etc.) aumentam a eficácia da comunicação?
- 2) Como utilizarias essas tecnologias para apresentar Arraiolos?

Foi possível então ter uma visão mais ampla sobre as expectativas em relação a este projeto. É importante dar a palavra aos alunos e perceber quais os seus conhecimentos prévios sobre este tema. Respondendo à primeira questão, os alunos afirmam que as tecnologias digitais *“facilitam e melhoram a comunicação entre as pessoas”* assim como *“atualmente essas tecnologias permitem-nos obter informação e partilhar momentos que, sem estas inovações, nunca conseguiríamos”*. Outra ideia interessante foi que *“(...) podemos obter melhor som e qualidade de imagem e assim conseguir que as pessoas se sintam no próprio local”*. Em relação à segunda questão, os alunos recorreriam às tecnologias *“fazendo vídeos, fotografando e captando sons de forma a sentirmo-nos no local em questão da vila”*. Outra ideia ousada passou por *“utilizar as tecnologias para apresentar Arraiolos de uma maneira diferente do que as pessoas já conhecem.”* Por fim, um aluno foi bastante explícito: *“Utilizaria estas tecnologias de modo a criar impacto nas pessoas!”*.

Seguiram-se então três aulas de 90 minutos inteiramente dedicadas ao desenvolvimento do projeto. Cada grupo escolheu o tema que tencionava abordar, tendo sido uma escolha pacífica e que agradou a todos. Começaram a fase de pesquisa inicial sobre o tema. Muitos grupos perceberam logo que na internet não haveria material suficiente, começando a arquitetar uma forma de irem ao local fotografar ou filmar. Nesta fase, foi necessário transmitir algumas explicações sobre o funcionamento do editor do Joomag, para que todos pudessem começar de imediato a criar o *layout* da sua página da revista. Foram também explicadas todas as capacidades multimédia que o software permite¹⁴.

¹⁴ É possível adicionar todo o tipo de conteúdos multimédia como imagens, sons, vídeos, animações em flash, galerias de imagens dinâmicas, links, janelas *pop-up* para outros websites, entre várias outras funções.



97,98

Alunos durante a elaboração da revista Arraiolos (in)formar

No início, alguns grupos sentiram dificuldades em passar da fase de pesquisa para a criação propriamente dita. Os alunos pareciam manifestar um misto de sensações como apatia, ansiedade e preocupação¹⁵. A percebi-me que podia ter sido eu o causador de tal situação, ao ter apresentado na primeira aula vários exemplos de revistas demasiado complexas. Os alunos poderiam estar a sentir que não teriam competências suficientes para alcançar os mesmos resultados. Para contrariar esta situação, decidi mostrar outros exemplos de revistas mais *limpas* em termos de *layout* e conteúdos, para que os alunos se fossem gradualmente sentindo mais confiantes.

Em termos de conceitos, nesta fase, transmiti aos alunos algumas regras sobre o design e paginação que deveriam utilizar (cfr. Apêndice J). A utilização de linhas guia para organizar a disposição de textos, imagens e vídeos foi um aspeto essencial, assim como a contemplação de espaços brancos, que facilitam a leitura e ajudam a tornar o aspeto da página mais *limpo*. As três aulas dedicadas ao desenvolvimento da revista foram pautadas por um trabalho intenso, muitas dúvidas e dificuldades, mas, na realidade bastante gratificantes a todos os níveis.

O design gráfico da capa e da contracapa da revista ficou a meu cargo, por forma a permitir que os alunos se concentrassem apenas nos seus temas específicos. Para a composição da capa, optei por utilizar o Castelo, que é provavelmente o símbolo mais evidente da vila de Arraiolos. Além do título principal “Arraiolos (in)formar”, foi colocado o nome da escola, a data de criação e

¹⁵ Através da análise do esquema que avalia psicologicamente o estado mental em termos de nível de desafio e nível de habilidade, de acordo com o modelo de fluxo de Mihaly Csikszentmihalyi.

designação da turma. Também no canto superior direito foi incluída uma animação simples com alguns logotipos representativos dos recursos multimédia, que se vão difundido ciclicamente com as palavras *ver*, *ouvir* e *sentir*, servindo como mote para começar desfolhar a revista digitalmente.



99 Capa frontal da publicação Arraiolos (in)formar

Devido às limitações evidentes na extensão deste relatório, selecionei apenas as páginas de dois dos grupos, como exemplo do trabalho realizado. Acerca dessas páginas, farei uma breve descrição da sua estrutura, recursos e outros detalhes que transmitam os objetivos e as intenções dos alunos (autores).



100 Exemplo de página elaborada pelos alunos sobre o Alentejo

Neste caso, as duas alunas que desenvolveram o tema sobre o Alentejo, optaram por criar impacto através de uma fotografia do pôr-do-sol numa paisagem alentejana, que atravessa as duas páginas que tinham ao seu dispor. Em termos de recursos multimédia utilizados (que só podem ser experienciados online), foram utilizadas três galerias de imagens dinâmicas, que percorrem vários ícones identificativos da região. Destacados em várias cores, surgem os links (Gastronomia, Turismo, Vinhos, Rotas, Cultura, Time do be happy) para outros websites de diferentes especialidades, que poderão ser assim acedidos facilmente.

É importante referir que este grupo foi dos que exigiu menor acompanhamento e, em paralelo, apresentou melhores resultados finais. Isto foi devidamente destacado na apresentação dos trabalhos (que aconteceu na última aula). As duas alunas demonstraram bastante convicção nas suas opções e estavam visivelmente satisfeitas com o aspeto/utilidade do seu trabalho.

De seguida, escolhi o exemplo da página sobre a Fonte da Pedra, realizada por um grupo de dois alunos. Em contraste com o grupo anterior, este, sentiu grandes dificuldades. Os alunos

dispunham de recursos bastante variados, e, talvez isso tenha sido a origem das dificuldades, uma vez que se tornou complexo selecionar os mais importantes. Penso, porém, que atingiram um bom resultado final (depois de muitas experiências falhadas). A página contém duas galerias dinâmicas (imagens superiores), uma fotografia em 360 graus (canto inferior direito) e o som captado (no centro) da água a escorrer na fonte. Ainda tiveram a capacidade de incluir um desenho muito especial e uma breve descrição do autor do mesmo, um artista que descobriram ocasionalmente durante a fase de pesquisa.



101 Exemplo de página elaborada pelos alunos sobre a Fonte da Pedra

De forma a refletir sobre a minha prática letiva, apliquei um questionário aos alunos (cfr. Apêndice L). Avaliando os resultados registados, numa escala quantitativa de 0 a 5 (correspondendo às menções Fraco - Excelente), situaram-se entre o 4 e o 5, o que transparece a as perceções extremamente positivas relativamente à minha prática e ao desenvolvimento das sessões. Os alunos, na sua totalidade, consideraram o trabalho realizado da máxima importância para a vila de Arraiolos. Relativamente a mim, também a grande maioria destacou a criatividade

e inovação nas atividades propostas, assim como a capacidade de esclarecer as dúvidas e aconselhar. Todavia, penso que os comentários livres transparecem mais fidedignamente as visões dos alunos:

“Gostei de fazer a revista digital. Acho que pode ajudar as pessoas de muitas formas. Se tivéssemos mais tempos podia ter ficado melhor.” (Miguel)

“Este trabalho foi muito interessante de se fazer. Foi divertido andar pela ecopista e poder transmitir a nossa vila a todas as pessoas do mundo.” (Marina)

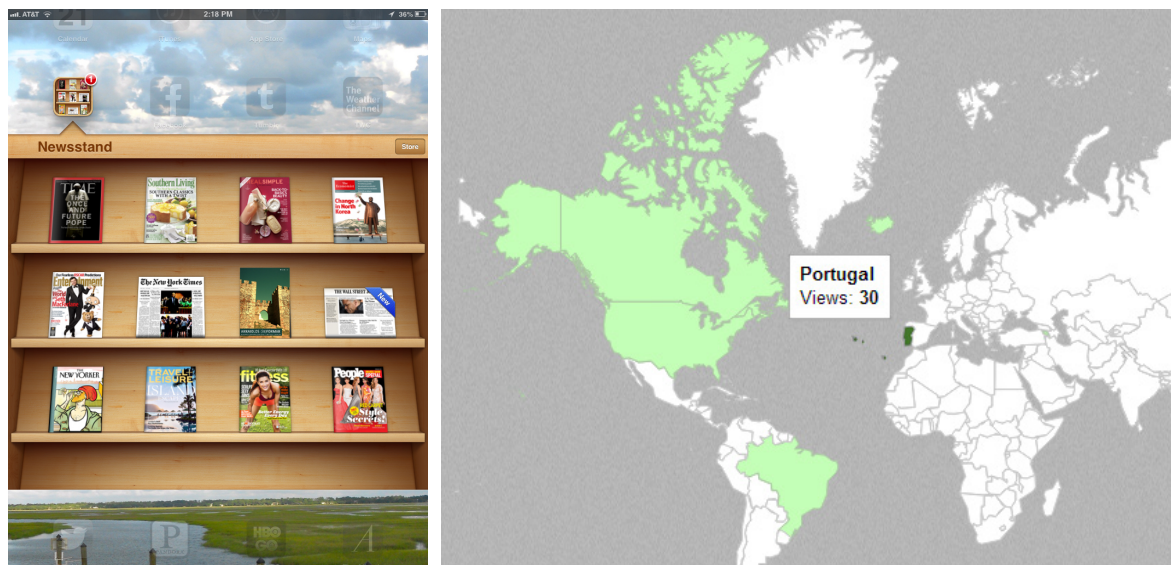
“Deu-nos a conhecer coisas que não sabia que existia como a possibilidade de fotografar em 360 graus.” (Diogo)

“O que mais gostei foi de pôr à prova a minha criatividade e imaginação” (Inês)

Alguns outros momentos reflexivos relevantes, passaram por opiniões e considerações que o Professor cooperante Luís Silva teceu várias vezes no final das aulas (momentos que considere fundamentais neste percurso). Em termos gerais, o professor transpareceu sempre uma crítica positiva em vários aspetos, como a postura mantida perante os alunos na relação pedagógica e pessoal, bem como na manutenção da disciplina e da ordem. Outro dos pontos destacados no decorrer da unidade didática foi a capacidade de inovação demonstrada na implementação de situações de aprendizagem. De forma a concluir esta minha autoavaliação é importante dar voz a algumas palavras marcantes do Professor Luís Silva, sobre a utilidade dos meios audiovisuais na educação: *“(…) os meios audiovisuais transformam a atividade letiva num laboratório, equipado de múltiplas ferramentas, para tarefas de ordem prática no campo das expressões, podem soltar o ensejo, o objeto essencial de comunicação que necessitem de campo capaz, para assim poder facultar a sua produção criativa. No foro da idiossincrasia, estes meios audiovisuais libertam determinadas vicissitudes, criam por si uma relação próxima e dinâmica, que se torna íntima e eficaz. Estes meios podem ser um fator favorável ao saber e á experiencia de novos métodos, novas e distintas práticas pedagógicas mais estimulantes”.*

3.6 Participação na Escola

Este ponto, relacionado com a participação na escola, acabou por se transformar, arriscaria dizer, numa participação em toda a comunidade de Arraiolos. Essa mesma participação aconteceu aquando da publicação online da revista *Arraiolos (in)formar*¹⁶.



102,103 Publicação, divulgação e perceção do alcance da revista *Arraiolos (in)formar*

A facilidade de publicar online, atualmente, abre caminho à existência de novos e improváveis autores (Carvalho, 2007, p. 6). Foi o que aconteceu, com a turma 9º B ao terem a oportunidade de dar a conhecer *Arraiolos* ao Mundo. Através dos dados estatísticos fornecidos, é possível verificar que desde a data da sua publicação a revista foi visualizada em seis Países (Portugal, Estados Unidos da América, Brasil, Arménia, Islândia e Canada). Em Portugal, foi vista a partir de Guimarães, Setúbal, Portalegre, Évora e Montemor-o-Novo. Estes dados refletem bem o alcance de uma simples publicação, que atingiu na plenitude todos os objetivos. Quem ficou a ganhar foram: os alunos, professores, a comunidade e a própria região.

¹⁶ Disponível online em: <http://www.joomag.com/magazine/arraiolos-in-formar-maio-2013/0570053001365263509>. As potencialidades da publicação só poderão ser experienciadas na sua plenitude através da sua visualização online, contudo, a mesma poderá ser vista no Apêndice K em forma de imagens estáticas.

DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

“Ensinar artes a um nível elevado é difícil (...). Afigura-se que exista necessidade de ponderar tanto a preparação inicial dos professores para ensinarem disciplinas artísticas como as condições para prosseguirem o desenvolvimento profissional, de modo que possam actualizar o seu conhecimento e desenvolver as suas competências.”

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL NAS ESCOLAS DA EUROPA

Eurydice (Comissão Europeia) 2009

Qualquer que seja a atividade profissional ou área de estudo é fundamental que haja uma formação continuada com vista a uma melhoria das competências nas funções a desempenhar. Durante todo o percurso realizado no decorrer do MEAVBS tive a oportunidade de participar em momentos de enriquecimento pessoal e profissional que passo a enunciar:

- I. 10 de Maio de 2013 - Ciclo de Conferências: “Mediação de Conflitos ou Copérnico Revisitado” com a Professora Helena Guimarães; “La creación de una línea de investigación” com o Professor Nicolás Martínez Valcarcél e “El valor de la evaluación: las aportaciones de la evaluación auténtica” com a Professora Mónica Vallejo Ruiz, na Universidade de Évora.
- II. 2 de Março de 2013 - Seminário Arte Pública e Educação: intervenção, memória e cidadania. Conferência inaugural do Professor Doutor Antoni Remesar, na Universidade Lusófona.
- III. 31 de Outubro de 2012 - Materiais de Desenho e Ilustração, ministrado por Arantxa Serraller. Seminário Experimental de materiais no âmbito do Artist Outreach Program, um programa internacional destinado a toda a comunidade artística, na Universidade de Évora.
- IV. 7 de Março de 2012 - Seminário Aberto: Museologia Crítica, Arte e Educação, por Genoveva Oliveira, na Universidade de Évora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A PES, realizada durante o período a que o relatório se reporta, retratou desde o início um desafio a enfrentar. Apesar de ter sido exercida alguma atividade no âmbito da docência, este ano letivo foi sempre encarado como um ano de novas aprendizagens, o que de facto se veio a constatar. Aprendizagens essas, que ao contrário deste relatório que agora chega ao fim, se manterão certamente para a vida, tal o impacto e a mudança que exerceram em mim. Foi um período de partilha, convívio e reflexão. Foi, também, um ano de expectativas onde houve espaço para constatar dificuldades e ter noção dos obstáculos. Foi, contudo, um caminho sempre pautado por um forte desejo de superar esses inevitáveis momentos menos bons.

Em relação aos alunos, tentou-se constantemente criar ou fortalecer o seu desejo de aprender, pois essa é também a minha postura; procurou-se que refletissem sobre as suas aprendizagens e existiu sempre a enorme vontade de ter o seu *feedback* acerca da minha prática de ensino, pois só assim seria possível ir ao encontro dos seus interesses e expectativas, numa atitude de permanente autoquestionamento. Foi importante identificar as práticas pedagógicas de qualidade, isto é, as metodologias contemporâneas, com provas dadas, que trazem reais benefícios ao ensino. Algumas dessas práticas passam: pelo debate; pelo trabalho de grupo; a partilha ativa de ideias; a articulação efetiva entre as diferentes áreas científicas; a capacidade de iniciar novas aprendizagens partindo das idiosincrasias e conhecimentos prévios dos alunos e uma avaliação íntegra com objetivos prévios e critérios bem definidos, sempre suportada por evidências de trabalho. Compreender as necessidades da sociedade, isto é, a sua finalidade e objetivos, é essencial, pois são esses indicadores que revelam o caminho a seguir pela educação. Os documentos curriculares não são mais que métodos, orientações, que servem de guia, mas apenas como isso mesmo, pois a educação não deve ser vista unicamente de uma forma sistémica. *“Limitar, portanto, a educação ao desenvolvimento de capacidades verbais e matemáticas é extremamente redutor do potencial humano, pois as artes permitem desenvolver diferentes tipos de cognição como a teoria de Gardner das inteligências múltiplas defende”* (Duarte & Vasconcelos, 2011, p. 3).

Foi pois, com evidente satisfação que se constatou, nas duas experiências de ensino descritas ao longo deste relatório, que os meios audiovisuais possibilitam a criação artística, a manifestação de emoções e sentimentos, a apreciação e valorização da arte, além da melhoria

da autoestima, da aprendizagem e da convivência harmoniosa entre colegas e professores. Elliot Eisner, educador artístico americano, defende que a escola dos dias de hoje se deve identificar e guiar por algumas práticas artísticas que, no passado recente ainda eram vistas como o oposto à ciência. Eisner vê as estratégias, os modos de pensar e o fazer artístico como uma metodologia a seguir e que pode contribuir decisivamente para o sucesso da educação. *“A imaginação não é um mero ornamento, tal como a arte. Juntas podem libertar-nos dos nossos hábitos enrijecidos. Elas podem ajudar-nos a restaurar um propósito decente para os nossos esforços e a criar o tipo de escolas que as nossas crianças merecem e que a nossa cultura precisa. Tais aspirações, meus amigos, são estrelas pelas quais vale a pena esticar-se”* (Eisner, 2008, p. 16). Fica deste modo reforçada a importância do contexto social e cultural como fator de diferenciação do ensino em geral e do ensino artístico em particular. Este facto foi sempre tido em mente, ao serem concebidas propostas de trabalho partindo de algo palpável, bastante ligado ao dia-a-dia da realidade em que os alunos estão inseridos. Mas, é preciso ir mais além, é sempre preciso criar *surpresa*. *Surpresa*, é dos fatores que provoca maior admiração e, objetivamente, maior empenho e interesse dos alunos nas atividades propostas. É extremamente importante conseguir que os alunos falem sobre os seus projetos, que reflitam sobre o que eles próprios fazem, que se encontrem consigo mesmo através da arte propondo-se a pensar sobre o “que vemos de nós mesmos nestas imagens” (Hernandez citado por Valle, 2011, p. 49). É esta capacidade de surpreender que, sem dúvida, influencia a pré-disposição e motivação dos alunos.

Uma aula, em que o aluno emprega o seu sentido crítico, é, à partida, uma aula produtiva, que vai proporcionar desenvolvimento, não exclusivamente em relação à matéria abordada, mas principalmente em relação ao desenvolvimento social e pessoal do aluno. *“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida”* (John Dewey citado por Machado, 2011, p. 96).

Chegado o *epílogo*, o momento de encerrar este relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Ensino de Artes Visuais, não posso deixar de referir que a melhor sensação que existe é ter a perceção que os alunos, ao desenvolverem as unidades didáticas propostas, conseguiram *questionar o mundo* que os rodeia de uma forma mais eficaz e concreta, ao mesmo tempo que se sentiram capazes de *innovar e marcar pela diferença*.

FONTES E REFERÊNCIAS CONSULTADAS

Fontes bibliográficas

- Almeida, D. dos S., Azevedo, E. B. V., Carvalho, L. A. de, & Nogueira, L. A. (2009). O vídeo na construção de uma educação do olhar. *Perspectivas online*, 3(9), 153–174.
- Aristarco, G., & Aristarco, T. (1990). *O Novo Mundo das Imagens Electrónicas*. Lisboa: Edições 70.
- Assis, H. L. (2009). As imagens cinematográficas finalmente chegaram às minhas aulas de arte! *Revista Digital do LAV*, 2(2).
- Barthes, R. (1984). *A câmara clara: Nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bautista, A., Rayón, L., & Heras, A. de las. (2012). Valor de los registros audiovisuales en educación intercultural. *Comunicar*, 20(39), 169–176.
- Bazin, A. (1992). *O que é o cinema?* Lisboa: Livros Horizonte.
- Best, D. (1996). *A racionalidade do sentimento: o papel das artes na educação*. Lisboa: Edições ASA.
- Bidarra, J. (2009). Aprendizagem Multimédia Interactiva. In *Ensino Online e Aprendizagem Multimédia* (pp. 352–382). Lisboa: Relógio d'Água.
- Buckingham, D. (2008). The Future of Media Literacy in the Digital Age: Some Challenges for Policy and Practice.
- Cabau, P. (2011). O exercício de desenho e os jogos. *Cadernos PAR*, 4, 33–49.
- Carvalho, A. (2007). Rentabilizar a Internet no Ensino Básico e Secundário : dos Recursos e Ferramentas Online aos LMS, 25–40.

- Charréu, L. (2012). Imagens globais, cultura visual e educação artística: Impacto, poder e mudança. In *In: Raimundo Martins & Irene Tourinho, (Orgs.) Culturas das Imagens: Desafios para a arte e para a educação.* (pp. 37–52). Santa Maria: Editora da UFSM.
- Chion, M. (1994). *Audio-Vision: Sound on Screen.* (Claudia Gorbman, Trad.). (Columbia University Press, Ed.). New York.
- Costa, S. R. de P. (2012). Pedagogia da Imagem: Desafios e Paradigmas no Processo Educativo. In *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.* Ouro Preto, MG.
- Csikszentmihayi, M. (1997). *Finding Flow: The Psychology of Engagement with Everyday Life.* New York: Basic Books.
- Deleuze, G. (1983). *Cinema 1: A imagem-movimento* (Stella Senra, Trad.). São Paulo: Brasiliense.
- Deleuze, G. (1995). *Cinema 2 - A imagem-tempo.* São Paulo: Brasiliense.
- Delors, J. (1996). *Educação, um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.* Porto: Edições ASA.
- Dodson, B. (1985). *Keys to Drawing.* Cincinnati, Ohio: North Light.
- Duarte, J. B., & Vasconcelos, M. C. (2011). A função inalienável das Artes Visuais . Reflexão a duas vozes. *Revista Lusófona de Educação, (18), 173–192.*
- Duncum, P. (2010). Conceitos Chave da Educação para a Cultura Visual. *Imaginar, 52, 6–12.*
- Duncum, P. (2011). Clarifying Visual Culture Art Education. *Art Education: Back to the Future: [Re][De]Fining Art Education, 55(3), 6–11.*
- Dwyer, T. (2010). *Media convergence* (1ª Edição.). Maidenhead: Open University Press.
- Eisner, E. E. (2008). O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem Fronteiras, 8(2), 5–17.*

- EuroMeduc. (2009). *Media literacy in Europe Controversies, Challenges and Perspectives*. Bruxelles.
- Eurydice. (2009). *Educação artística e cultural nas escolas da Europa*. Bruxelas: Agência de Execução relativa à Educação, ao Audiovisual e à Cultura.
- Fantin, M. (2007). Mídia-Educação e Cinema na Escola. *Revista Teias*, 8(15-16).
- Fino, C. N. (1993). Vygotsky e a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP): três implicações pedagógicas. *Revista Portuguesa de Educação*, 14(2), 273–291.
- García-Roldán, A. (2012). El vídeo-ensayo en la formación audiovisual del profesorado. *Invisibilidades*, 3, 47–56.
- Granja, V. (1981). *Dziga Vertov*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture: where old and new media collide*. New York: NYU Press.
- Leandro, A. (2001). Da Imagem Pedagógica à Pedagogia da Imagem. *Comunicação & Educação*, 29–36.
- Lopes, P. C. (2011). *Educação para os media nas sociedades multimediáticas*. Lisboa.
- Machado, J. (2011). *Pais que Educam, Professores que Amam*. Lisboa: Marcador.
- Manovich, L. (2001). The Language of New Media. In T. M. Press (Ed.), (Vol. 27). Cambridge, MA: MIT Press. doi:10.1386/nl.5.1.25/1
- Mayer, R. (2009). Teoria Cognitiva da Aprendizagem Multimedia. In *Miranda, G. (org) Ensino online e aprendizagem multimédia* (pp. 207–235). Lisboa: Relógio d'Água.
- Mercado, L. P. L. (2008). *Práticas de Formação de Professores na Educação a Distância*. Maceió: Edufal.
- Mialaret, G. (1999). *Psicologia da Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Munari, B. (1993). *Design e Comunicação Visual*. Lisboa: Edições 70.

Nielsen, L. (2011). 7 Myths About BYOD Debunked. *The Journal*.

Oliveira, A. D. da C., & Oliveira, L. R. (2011). O Digital e o Currículo. Audiovideografia e Cultura Audiovisual : um estudo de caso com alunos do 9º ano do ensino básico , em educação visual , no âmbito do projecto curricular de turma . In *VI Conferência Internacional de TIC na Educação* (pp. 1613–1618).

Pelizzari, A., Kriegl, M. de L., Baron, M. P., Finck, N. T. L., & Dorocinski, S. I. (2002). Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel. *Revista Psicologia Educação e Cultura*, 2(1), 37–42.

Pinto, M., Pereira, S., Pereira, L., & Ferreira, T. D. (2011). *Educação para os Media em Portugal: experiências, actores e contextos* (1.ª Edição.). Universidade do Minho.

Pires, E. G. (2009). Algumas reflexões sobre educação e meios audiovisuais. *Travessias*, 3(2), 1–16.

Pires, E. G. (2010). A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação. *Educação e Pesquisa*, 36(1), 281–295.

Reynolds, G. (2007). *Presentation Zen: Simple Ideas on Presentation Design and Delivery*. New Riders.

Sá, I. T. de. (1976). *Cinema - presença na Educação*. Rio de Janeiro: Renes.

Sánchez, J., & Sandoval, Y. (2012). Claves para reconocer los niveles de lectura crítica audiovisual en el niño. *Comunicar*, (38), 113–120.

Santaella, L. (2005). *Porque as comunicações e as artes estão convergindo?* (p. 70). São Paulo: Paulus.

Schneider, S. J. (2007). *1001 Movies You Must See Before You Die*. London: Quintessence.

Seifert, K., & Sutton, R. (2009). *Educational Psychology*. Boston: Kelvin Seifert.

Silbiger, L. N. (2005). O potencial educativo do audiovisual na educação formal. In *In A. Fidalgo & P. Serra [Eds.]. Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã, Actas do III SOPCOIVI, VI LUSOCIOM e II IBÉRICO, Volume 4, Campos da Comunicação* (pp. 375–381). Covilhã: LabCom.

Souza, I. M. (2010). A videoarte na vida de Nam June Paik. *Tucunduba*, 1(1), 70–75. Disponível em: <http://www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/tucunduba/article/view/16/9>

Tavares, P., Madureira, M., & Teixeira, P. (2010). Teaching how to draw. Technology and its repercussions on contemporaneity. *Tracey: Drawing and Technology*.

Tavares, R. (2006). Aprendizagem significativa em um ambiente multimídia. In *V Encuentro Internacional sobre Aprendizaje Significativo*. Madrid.

Valle, L. D. (2011). Cinema e educação: alternativas para desaprender a docência e possibilidades para construir-se como educador. *Invisibilidades*, 1, 46–54.

Vollú, F. C. (2006). Novas Tecnologias e o Ensino de Artes Visuais. *Perspectiva Capiana*, 1, 11–16.

Fontes audiovisuais

Auguste Lumière, L. L. (Realizadores). (1896). *L'arrivée d'un train à La Ciotat* [Filme]. França.

Banksy (Realizador). (2010). *Exit Through the Gift Shop* [Filme]. Revolver Entertainment.

Belz, C. (Realizador). (2011). *Gerhard Richter - Painting* [Filme].

Coppola, F. F. (Realizador). (1979). *Apocalypse Now* [Filme].

Fax Bahr, G. H. (Realizador). (1991). *Hearts of Darkness: A Filmmaker's Apocalypse* [Filme]. Paramount Pictures.

Gregory, D. (Realizador). (2012) *The Art of Breakfast: a film about Danny Gregory* [Vídeo]
Disponível em: <http://vimeo.com/26850647>

Khan, S. (2011) Vamos usar o vídeo para reinventar a educação [Vídeo]. Disponível em:
http://www.ted.com/talks/salman_khan_let_s_use_video_to_reinvent_education.html

Kidd, C. (2012) *Designing books is no laughing matter. OK, it is.* [Vídeo] Disponível em:
http://www.ted.com/talks/chip_kidd_designing_books_is_no_laughing_matter_ok_it_is.html

Salavisa, E. (2012) *Um desenhador do quotidiano* [Vídeo/Documentário]. Produções Bicho-do-Mato. Disponível em: <https://vimeo.com/40228552>

Vertov, D. (Realizador). (1292). *Chelovek s kino-apparatom/The Man with the Movie Camera* [Filme]. União Soviética.

Walker, L. (Realizador). (2010). *Waste Land/Lixo Extraordinário* [Filme].

Outras fontes digitais

4 Film Making (<http://4filmmaking.com>)

AC História da Fotografia (<http://achfoto.com.sapo.pt/index.html>)

Art2Day (<http://www.art2day.co.uk>)

Filmsite <http://www.filmsite.org>)

I heart teaching art (<http://www.iheartteachingart.com>)

Smarthisotry (<http://smarthistory.khanacademy.org>)

The Art Career Project (<http://www.theartcareerproject.com>)